



casa de mãe: relatos de uma arquiteta em formação

flávia miyuki sonoda

orientação
karina oliveira leitão

fauusp
2020

CASA DE MÃE: RELATOS DE UMA ARQUITETA EM FORMAÇÃO

Trabalho Final de Graduação em
Arquitetura e Urbanismo

Flávia Miyuki Sonoda
Orientadora: Karina Oliveira Leitão

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Universidade de São Paulo

São Paulo/2020

agradecimentos

Tem muitas pessoas sem as quais este trabalho não seria o mesmo, pelas quais sou muito grata.

À minha orientadora, Karina por me acolher com paciência e compreensão quando a única coisa da qual eu tinha certeza era que estava perdida, por me apresentar à Solange e tornar tudo isso possível.

Aos meus professores, principalmente Karina e Caio, por me guiarem ao longo desse processo e que, com seus colegas, expandiram radicalmente meu mundo no decorrer da graduação.

À minha família, Kotaro, Regina e Cláudia que continuaram me apoiando de longe e Mariko e Jorge, cuja generosidade me permitiu atravessar a graduação sem maiores preocupações.

Aos meus amigos Ariane e Benjamim, Catarina, Amanda, que se ofereceram para ajudar quando achei que não houvesse tempo e, assim como, Janaina, Celina, Ricardo, Letícia e Caio, me ajudaram com suas opiniões em momentos de bloqueio; Karin, Nadja, Mariana, Luis e Luísa pela disposição em colaborar.

Ao Tadashi que me ajudou a fazer os levantamentos, diagramou este trabalho e me acompanhou ao longo de todo o processo.

À Marcia por ter sido uma ótima profissional e ter me dado todo o suporte que precisei.

À Solange, por dar sentido a este trabalho.

resumo

Este trabalho final de graduação é de natureza empírica, resultado e relato de um processo que a autora viveu no final do curso de Arquitetura e Urbanismo da FAU USP, em 2019 e 2020, fazendo um projeto para a casa de Solange, moradora e uma das lideranças do Jardim da União, ocupação jovem que tem lutado por seus direitos ao longo dos últimos anos. Tangenciando as histórias do lugar e da usuária, procurou-se promover alguma assessoria técnica à ela e fazer um projeto levando em conta as circunstâncias próprias da autoconstrução em assentamentos populares e apresentar através de croquis, etapa por etapa, como alguns desses aspectos afetaram o trabalho e as decisões projetuais.

Palavras-chave: assessoria técnica, autoconstrução, ocupação.

abstract

This term paper has an empirical nature, result and report of a process that the author lived at the end of the Architecture and Urbanism course at FAU-USP, between 2019 and 2020, making a project for Solange' house, resident and one of the leaders of Jardim da União, a young occupation in the city of São Paulo that has been fighting for their rights over the past few years. Tangencing the stories of the place and the user, we sought to promote some technical assistance to her and make a project taking into account the circumstances inherent to self-construction in popular settlements and to present through sketches, step by step, how some of these aspects affected the final work and design decisions.

Keywords: technical assistance, self-building, occupation.

sumário

1.	prefácio	13
2.	eu	14
3.	solange	16
	3.1 casa de mãe	16
	3.2 jardim da união	19
4.	casa	24
	4.1 levantamento	24
	4.2 primeiro ciclo: estudos	30
	4.3 primeiro ciclo: síntese	34
	4.4 segundo ciclo: estudos	38
	4.5 segundo ciclo: síntese	44
	4.6 terceiro ciclo	50
	4.7 primeira fase	52
	4.8 segunda fase	56
	4.9 terceira fase	60
	4.10 quarta fase	64
5.	notas finais	68

1. prefácio

Mesmo sem um tema muito definido, desde o começo eu quis fazer um trabalho que desse bastante destaque a seu processo além dos seus produtos finais. Em cada momento ele pretendia se materializar em um formato diferente, mas o que ficou foram esses relatos. Todos partem de uma perspectiva muito pessoal e, tendo em vista minha dificuldade de escrita, o formato escolhido tem esse tom quase confessional em alguns trechos.

A forma como esse conteúdo é relatado ao longo do caderno, principalmente na última parte, é bastante visual, com os croquis elaborados durante o processo acompanhados das memórias ligadas a eles. O trabalho está estruturado de forma muito simples.

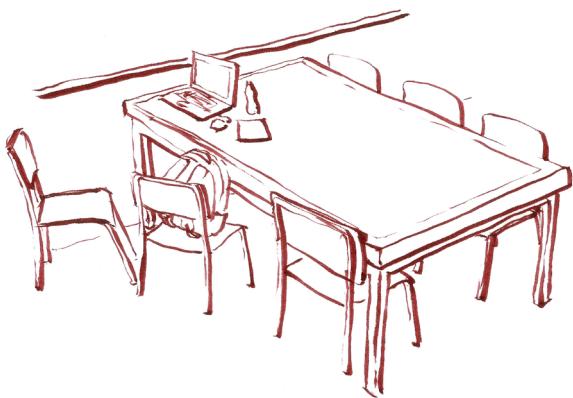
Na primeira parte, chamada "eu", começa estabelecendo suas motivações e como fatores internos e externos me conduziram ao tema. Na segunda, "Solange", continua apresentando um pouco sobre onde e para quem o projeto foi feito. E em "casa", expõe-no através do processo que o concebeu, marcando as escolhas feitas em cada ciclo.

São três ciclos apresentados, cada um que começa com enfrentamento de algumas questões, seguido de uma síntese projetual e uma devolutiva da Solange com novas questões. A escolha por esse método e posteriormente por essa palavra para descrevê-lo, aconteceu para que pudéssemos estabelecer um diálogo que fosse progredindo gradualmente enquanto entendo melhor suas demandas e ela se apropria do projeto, tanto do que ele propõe, quanto das decisões que o desenham, sejam minhas ou delas.

Para embasar de forma mais sólida principalmente a contextualização urbana do terreno de projeto, usei a tese "Chão, pó, poeira" da Larissa Viana (2020) como guia defendido na FAU USP.

Com essas histórias neste caderno pretendo forjar alguma linearidade a esse caminho tortuoso que foi fazer este trabalho. Espero que dê certo.

2. eu



mesa do ateliê interdepartamental da FAUUSP.
fonte: elaborado pela autora

Em 2013, entrei no curso de arquitetura e urbanismo (primeiro da FCT UNESP e no ano seguinte da FAU USP) sem saber muito bem o motivo, mas logo me fascinei com a ideia de transformar o mundo com uma "ciência social aplicada, bonita, funcional e justa". Conforme o curso se desenrolava na minha frente e a realidade ia se revelando, mais essa possibilidade parecia se distanciar.

Mas, diante de tudo que aprendi, somado a um sentimento de impotência perante a um contexto que, além de tudo, também elegeu um fascista como presidente, a necessidade de fechar a minha graduação fazendo um trabalho que pudesse ter um impacto material direto para alguém se tornou muito grande, mas por muito tempo não consegui me decidir por um recorte mais específico.

O que eu queria com o trabalho não era claro, as possibilidades eram infinitas e, como se não bastasse, acabei colocando um peso imenso nele, como se fosse decidir toda a minha vida. Todo esse peso está relacionado questões pessoais mesmo, algumas que trago comigo a muito tempo e outras que construí ao longo do curso, mas que me levaram a querer pensar saúde mental numa graduação de arquitetura e urbanismo e, mais tarde, na

formação do arquiteto urbanista de forma mais ampla, fazendo com que esse fosse o primeiro recorte escolhido antes de chegar no meu tema final.

No começo eu apenas fiquei em dúvida sobre como abordar a formação do arquiteto urbanista: por diferentes modelos de ensino, grade curricular, papel da extensão universitária? Se eu fosse continuar a lista de ideias para as quais eu poderia ter seguido, seria visível como ela começa a perder o sentido a partir daqui. De repente, estava questionando toda minha graduação e procurava um tema para meu trabalho final de graduação como se fosse uma última tentativa de reconciliação com a arquitetura. Enquanto tentava decidir, também estava cursando uma disciplina chamada "Planejamento territorial contra-hegemônico: teorias e práticas". Nela, entrei em contato com ideias de descolonização do pensamento e insurgência de movimentos populares com pautas urbanas, de forma que não pude ignorar como, de uma forma que eu não conseguia entender, aqueles assuntos apontavam para uma resposta

quanto às minhas inquietações com a arquitetura e urbanismo.

Dessa forma, achei que não poderia deixar tais coisas de lado ao escolher a direção do trabalho. Coincidemente, por causa do projeto de extensão do qual eu fazia parte, conheci a ocupação Jardim da União e um pouco de sua história de luta e conquistas. Um exemplo da força que uma organização popular pode ter e um exemplo prático de uma insurgência. A esse ponto a definição do tema não tinha como não passar pela ocupação e uma de suas moradoras, Solange - nome alterado para preservar sua identidade, o mesmo usado na tese de VIANA (2020) - apareceu precisando de um projeto para sua casa e, pelo meu interesse recente em assessoria técnica, assumi a responsabilidade de fazê-lo.

3. solange



solange
fonte: elaborado pela autora

3.1 casa de mãe

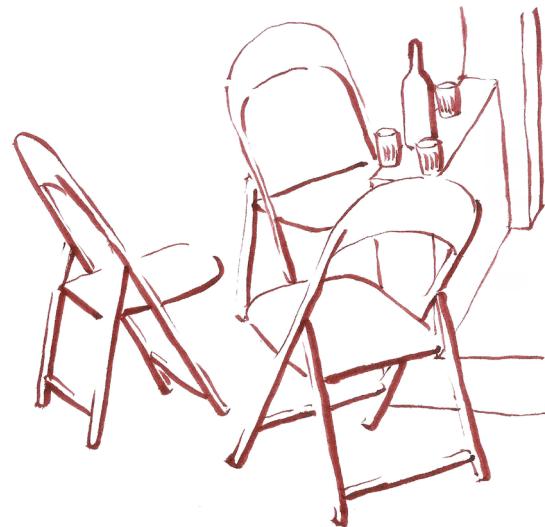
Eu estava muito ansiosa para começar quando finalmente consegui ir para o Jardim da União conhecer pessoalmente a Solange e sua casa em março de 2020. Levei comigo meu namorado para me ajudar com as medições e levamos cerca de duas horas para chegar lá e mais duas para fazer o levantamento do terreno. Só depois disso pudemos conversar.

Sentei com ela no bar para começar a entender a situação. Basicamente, ela tinha doado um quadrante do seu terreno para uma amiga, gostaria de construir sua casa no fundo e um salão na frente. Ela acabou se enrolando um pouco e chamou uma amiga para ajudá-la a dizer o que queria. "Ela sabe melhor do que eu." A moça se aproximou e uma das primeiras coisas que ela usou para descrever o que a Solange queria foi:

"Sabe? Uma casa de mãe?"

Ela continuou, explicando que seria uma casa que pudesse "crescer uma nova casa em cima" para que, se os filhos precisassem morar com ela quando mais velhos, tanto eles quanto ela pudessem ter a própria casa. Depois

disso, a Solange acrescentou que queria uma sala ampla com uma cozinha em que pudesse cozinhar com todo mundo e que o salão seria para o que precisasse, fosse uma reunião, fosse uma festa, mas algo que abrigasse o que fosse necessário. Conversamos sobre materiais já obtidos, cachorrinhos perdidos e gratidão enquanto tocava reggae no bar.



bar
fonte: elaborado pela autora

Como já estava escurecendo, fomos embora, mas levando na cabeça a casa de mãe. Apesar de saber que essa casa que cresce novos andares para abrigar os filhos é um fenômeno muito comum na autoconstrução, nunca tinha visto ser chamada desse jeito. Inclusive, a primeira vez que vi isso, era coisa de um pai, mas ninguém pensou em chamar de "casa de pai" e, se chamassem, soaria como algo completamente diferente.

Perguntei a alguns amigos não arquitetos a que a expressão "casa de mãe" os remete. Não necessariamente de propósito, mas a maioria descreveu aspectos da casa da própria mãe, percebendo isso só depois. De uma forma ou de outra, sempre mencionavam algum tipo de aconchego. Alguns através do conforto, outros através da comida ou de uma luz bonita, mas sempre de forma afetiva. Lembranças, infância, coletividade.

Também teve quem, além disso, se lembrasse do papel da mulher atribuído pela sociedade e do peso que a maternidade pode ter, de

forma a fazer com que uma "casa de mãe" não soe como uma casa para ela mais do que soa como uma casa para os filhos. E a Solange, não contente em ser mãe solo dos filhos e até dos netos, também é uma das mães do Jardim de União, com um cuidado que se estende do seu núcleo familiar para toda a comunidade, de forma que esta tem até um "quarto" especial dentro da casa da Solange, no lugar que ela chamou de salão.

Achei uma coincidência muito feliz que essa expressão, usada no momento para descrever uma casa cuja estrutura suportasse outra casa em cima no futuro para que os filhos pudessem morar, quando tem seu significado expandido descreve ainda melhor a casa que ela queria, refletindo até sua postura política perante a ocupação, assumindo um papel de liderança no Jardim da União.

3.2 jardim da união



stencil sobre parede de concreto
fonte: acervo pessoal, tirada em 18/05/2019

Conheci a ocupação em visitas a atividades do CPPATHIS, Curso de Prática Profissionalizante em Assessoria e Assistência Técnica em Habitação de Interesse Social. Caio era o professor responsável pelo grupo de extensão do qual eu fazia parte, Pedagogia da Autoconstrução, e também era um dos professores do curso. Ele nos estimulou a começar uma aproximação com a ocupação porque o curso estava chegando ao fim, mas as demandas da ocupação, não.

Na primeira vez, em maio de 2019, fui de transporte público. De onde eu estava até a ocupação levava cerca de duas horas. Peguei um ônibus errado e fui parar em um lugar a meia hora de onde eu deveria estar. Cheguei muito atrasada e perdida mas a esse ponto os moradores já estavam tão habituados a receber "o pessoal da USP" todo final de semana que quando fui pedir informações o moço de cara sabia onde eu queria ir. Lá, dentro de um galpãozinho, assisti a aula que estavam dando para os construtores moradores da ocupação e acompanhei a reunião sobre contenção de terra para os moradores dos

terrenos íngremes. Desde então, nas vezes em que voltei e nos eventos que participei, fui conhecendo a ocupação e muitas vezes ouvi alguém encher o peito de estima ao falar sobre ela.

Segundo Viana (2020), o que se tornaria Jardim da União nasceu em outro lugar e com outro nome em meados de 2013, ano que foi marcado pelas jornadas de junho e pela explosão do número de ocupações por movimentos de moradia na cidade de São Paulo. O Jardim da União integra um processo muito maior, resultado de anos de entrega de políticas afirmativas para as lógicas de mercado e, embora agindo com um discurso de déficit habitacional, na prática, mesmo com uma teórica melhoria salarial e programas de distribuição de renda, os aluguéis e o preço da terra subiram tanto que expulsaram a população mais vulnerável para ainda mais longe, precisando ocupar áreas de preservação ambiental.



espaço comunitário
fonte: acervo pessoal, tirada em 18/05/2019

Era o caso do chamado Jardim Itajaí na época, que ocupava um terreno da prefeitura e sofria constantes reintegrações de posse, mas cujo os integrantes sempre voltavam, até que, depois de uma ação especialmente violenta, resolveram se juntar a outro grupo que ocuparia um lugar próximo de lá, no então terreno subutilizado da CDHU, fundando o Jardim da União que conhecemos hoje. Conseguiram superar todos os desafios que uma ocupação recém estabelecida precisa para se manter com estratégia, inteligência e solidariedade.

Negociaram com diferentes instâncias do Estado, pressionaram quando foi preciso , entre embates e acordos buscaram sustentação legal para fazer um pedido formal de regularização fundiária e em 2017 contrataram a assessoria técnica Peabiru-TCA para a elaboração de um plano urbanístico popular, com a participação de todos.

Mantiveram a organização em um nível tamanho que sozinhos arranjaram os meios materiais de executá-lo. A execução incluiu em sua maior parte a realocação das famílias para seus lotes, consequentemente, o desenho das ruas determinadas pelo plano, mas ainda sem asfaltamento, enquanto a infraestrutura restante teria que ser disputada com o Estado.



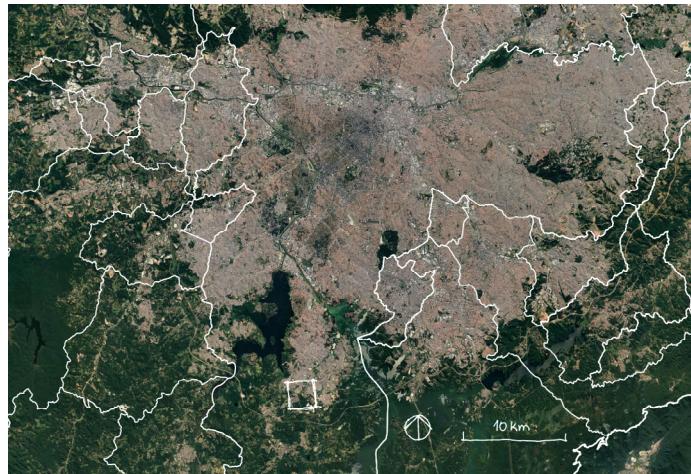
consolidação da
ocupação jardim da
união
2013-2019
fonte: CPPATHIS

O Plano Popular do Jardim da União tinha como um dos objetivos facilitar o processo de regularização, então mesmo tendo sido feita uma proposta com traçado mais orgânico, em que poucas casas teriam que ser realocadas, a proposta escolhida pelos moradores tem um traçado regular e terrenos de mesma área, ou de 4,5m x 20m ou de 9,5m x 9,5m, como na cidade formal.

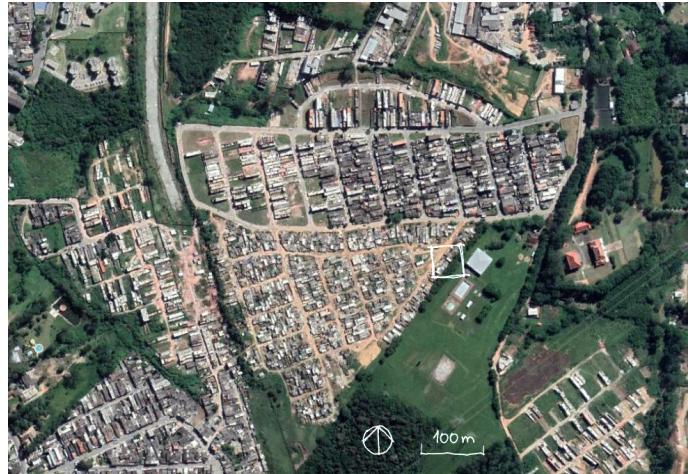
A casa de Solange estava em dois terrenos vizinhos de 4,5 m por 20m, um dela outro de seu filho. Feita quase toda de madeiras diversas e coberta por telhas de fibrocimento, tinha armaduras guardadas no fundo, esperando para serem concretadas em pilares ou vigas quando começasse a levantar uma casa para aguentar outras sobre ela.



stencil sobre parede de concreto
fonte: acervo pessoal, tirada em 18/05/2019



localização do jardim da união na cidade de São Paulo
fonte: CESAD
elaboração ariane daher



localização do terreno no jardim da união
fonte: Google Earth

4. casa

Escolhi apresentar o projeto através de seu processo, desde o primeiro levantamento até o último estudo projetual. O levantamento coloca as questões que vão ser abordadas no primeiro ciclo de projeto, que por sua vez, coloca as que vão ser abordadas no próximo e assim por diante. Os dois primeiros ciclos consistem em um conjunto de idéias projetuais, seguido de uma síntese, que é usada para conversar com a Solange e, a partir disso, são estabelecidas novas questões. O último é uma apresentação do projeto.

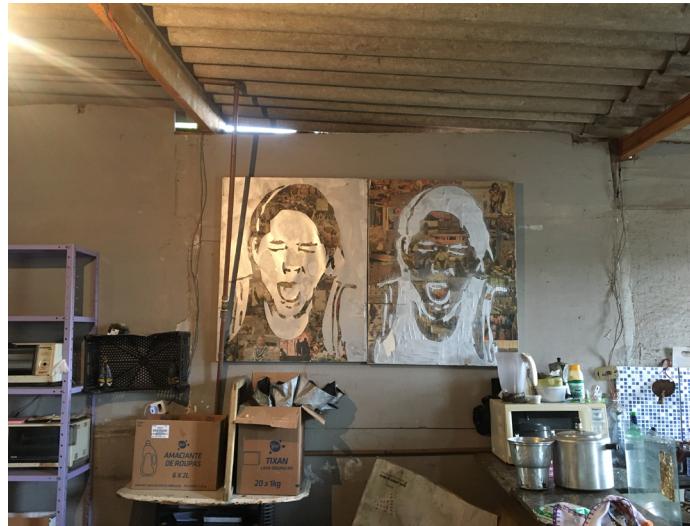
4.1 levantamentos

Quando perguntei para Solange sua disponibilidade em um domingo do meio de março para me receber para o levantamento, ela disse que seria bom, porque no dia haveria um mutirão para cortar o terreno e tirar a árvore dele, então eu poderia ver como ficaria. Mas ele acabou sendo adiado e, de fato, a característica do terreno que mais se destacou quando o encontrei foi o desnível que apresentava,

com o terreno subindo em direção ao fundo, onde um talude subia mais bruscamente e uma árvore se fixava no ponto mais alto.

Toda a rua tinha os lotes do lado leste com os fundos para um terreno grande que faz divisa com o Jardim da União com gramado amplo um pouco mais alto e alguns vizinhos que cortaram o terreno sem um apoio técnico colaram suas casas no talude de 90° resultante do corte e tiveram problema de infiltração de água. Além disso, da casa que estava lá, a maior parte era feita de madeira, menos o banheiro, que era de bloco sem estrutura, mas nada tinha sido erguido para ser permanente, nada seria mantido.

mosaico de fotos da situação do lote. fonte: acervo pessoal, tiradas em 14/03/2020

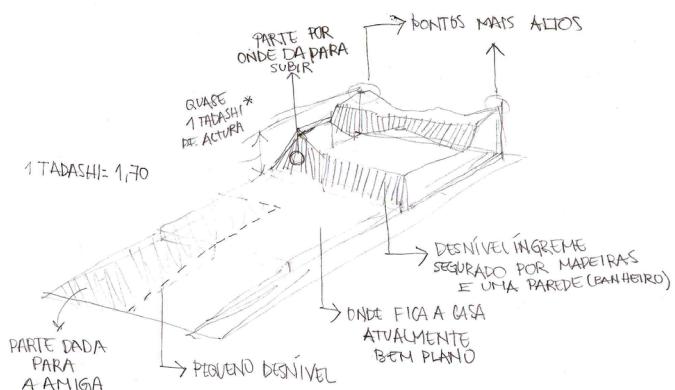


Já tendo passado muito tempo com as medições, sem material adequado e, na ilusão de que aquela seria só uma das muitas vezes que eu voltaria para lá, dei xe de medir as diagonais e a Solange me contou sobre o que ela queria. O quadrante esquerdo da frente do terreno tinha sido doado para uma amiga que, somado ao que foi dito anteriormente, configura os principais desafios de projeto inicialmente: o desnível e a forma do terreno.

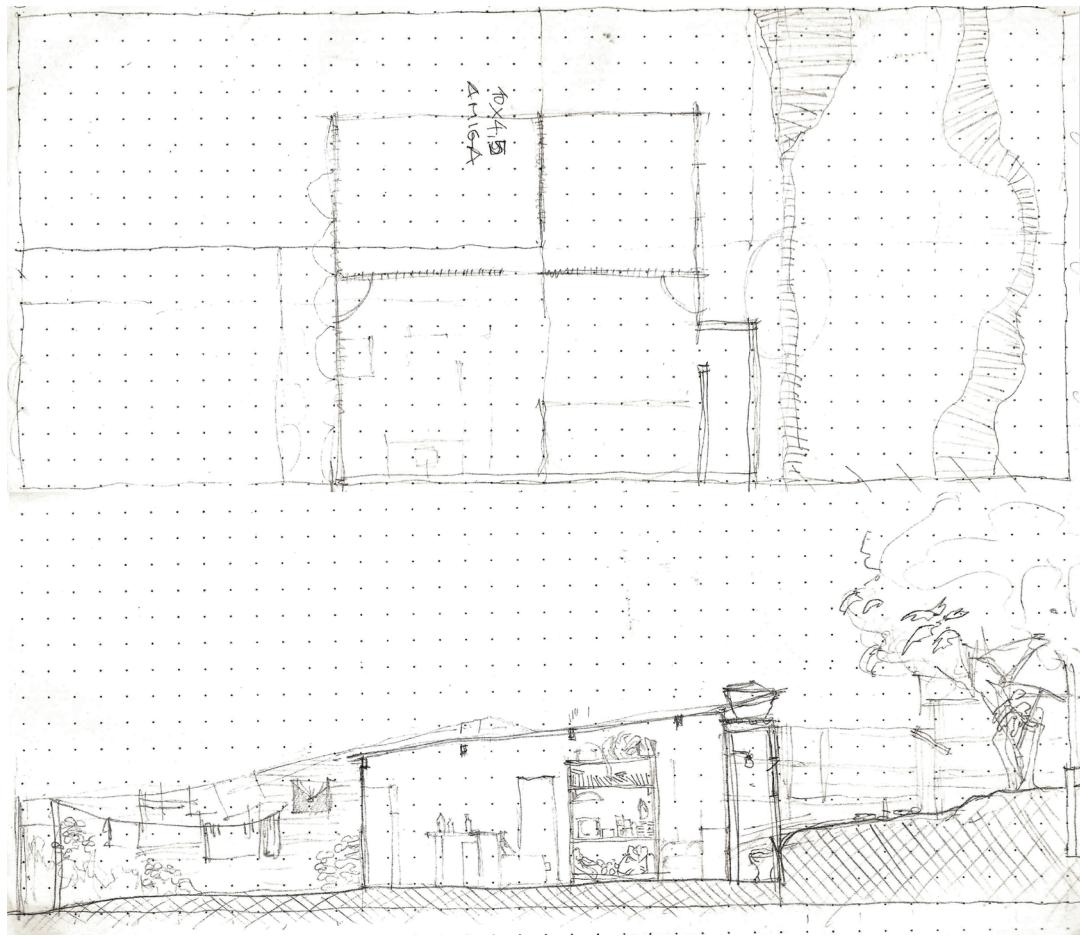
Minha intenção era conversar com ela sobre formas de aproveitar o desnível para não acabar fazendo cortes que pudessem trazer problemas e poupar a coitada da árvore. Mas um novo levantamento começou a se fazer necessário. Primeiro esqueci minha prancheta lá, depois ela tirou uma foto para mim e eu senti muita falta das diagonais porque uma das medidas estava destoando muito das outras e provavelmente estava errada. Comecei os primeiros desenhos mesmo assim e, numa sexta-feira, fui sondá-la para saber se concordaria em acomodar a casa no desnível do terreno mesmo e a resposta dela foi positiva, mas

ela acrescentou:

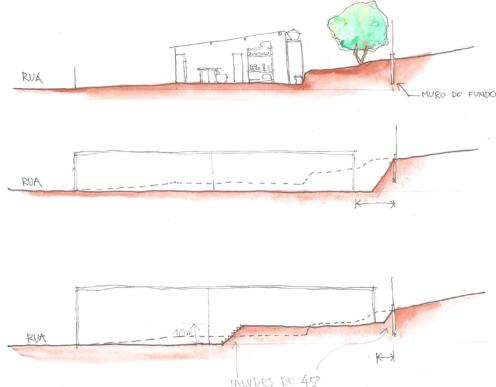
"Então, Flávia, aí você vê direitinho que acho que ele deve vir domingo. Porque o homem do terreno aí da frente, que ele vai precisar da terra, e aí como ele tem máquina ele já vai fazer isso sem me cobrar, entendeu?"



croqui esquemático do terreno
fonte: elaborado pela autora

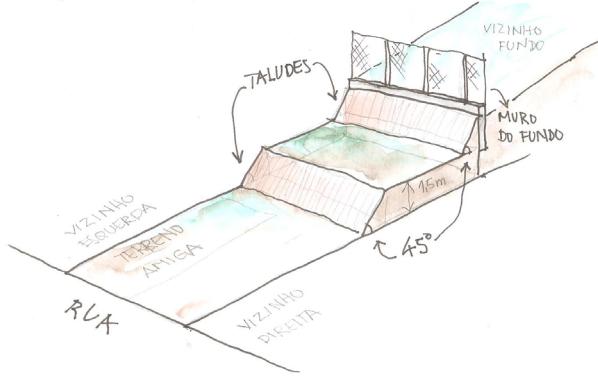


croqui planta e corte
fonte:
elaborado pela autora



croqui esquemático do terreno fonte: elaborado pela autora

Sem um projeto fechado e levemente desesperada, consultei meus professores e fiz uns desenhos rápidos para conversar com ela sobre como seria bom que o corte fosse feito e, no dia seguinte no final da manhã, mandei para ela cortes comparativos da perda de área útil dependendo da situação. Logo depois liguei para explicar melhor do que eles se tratavam, mas ela não tinha entendido e, além disso, disse que a máquina já estava na frente da casa dela. Pensei que ainda poderia mandar uma isométrica, que é mais intuitiva, para tentar explicar o que eu quis dizer a tempo. Fiz o mais rápido que pude, mandei uma foto do desenho e fui pintando até ela responder e não chegou a demorar mas a resposta dela foi que o



terreno já tinha sido cortado.

No segundo levantamento vi que parte do volume de terra foi redistribuído pelo terreno, deixando mais ou menos três platôs. O primeiro no nível da rua, o segundo no nível da casa, que tinha passado a ser metade do que era, já que para a máquina ter espaço para passar, os quartos tinham sido derrubados. E o terceiro e mais estreito ao fundo, no nível da árvore. Aproveitei para deixar alguns primeiros desenhos que eu tinha feito do projeto para tentar afinar com ela o que ela queria, mas não conseguimos conversar porque ela tinha uma reunião importante na hora.

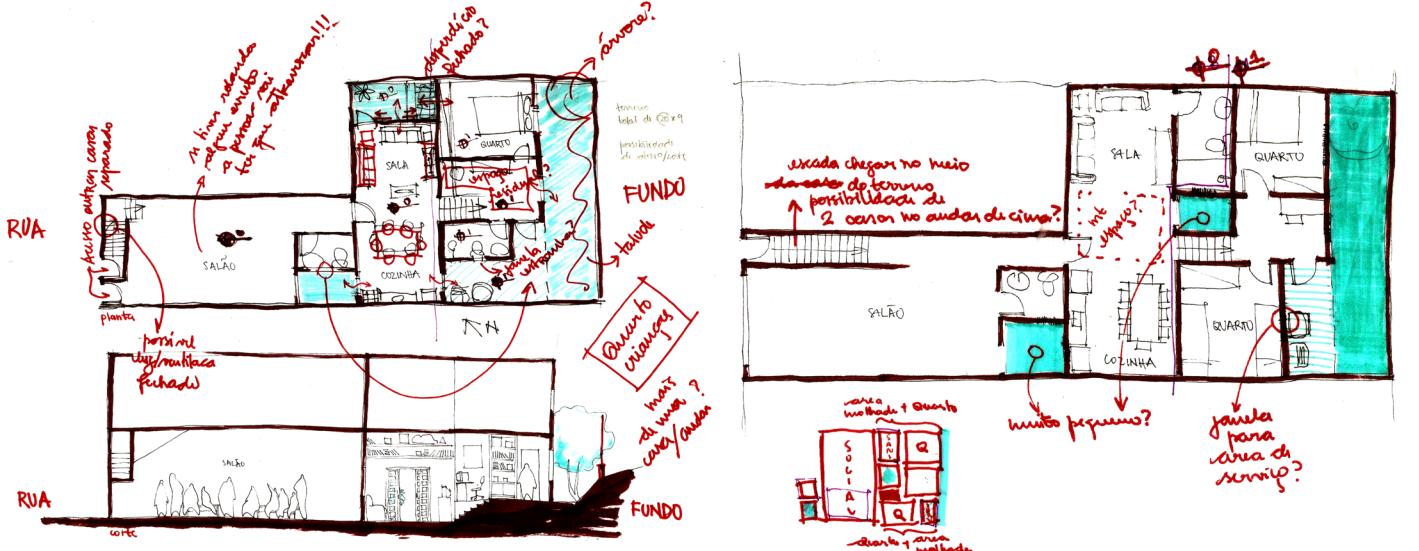
mosaico de fotos da situação do lote. fonte: acervo pessoal, tiradas em 26/04/2020

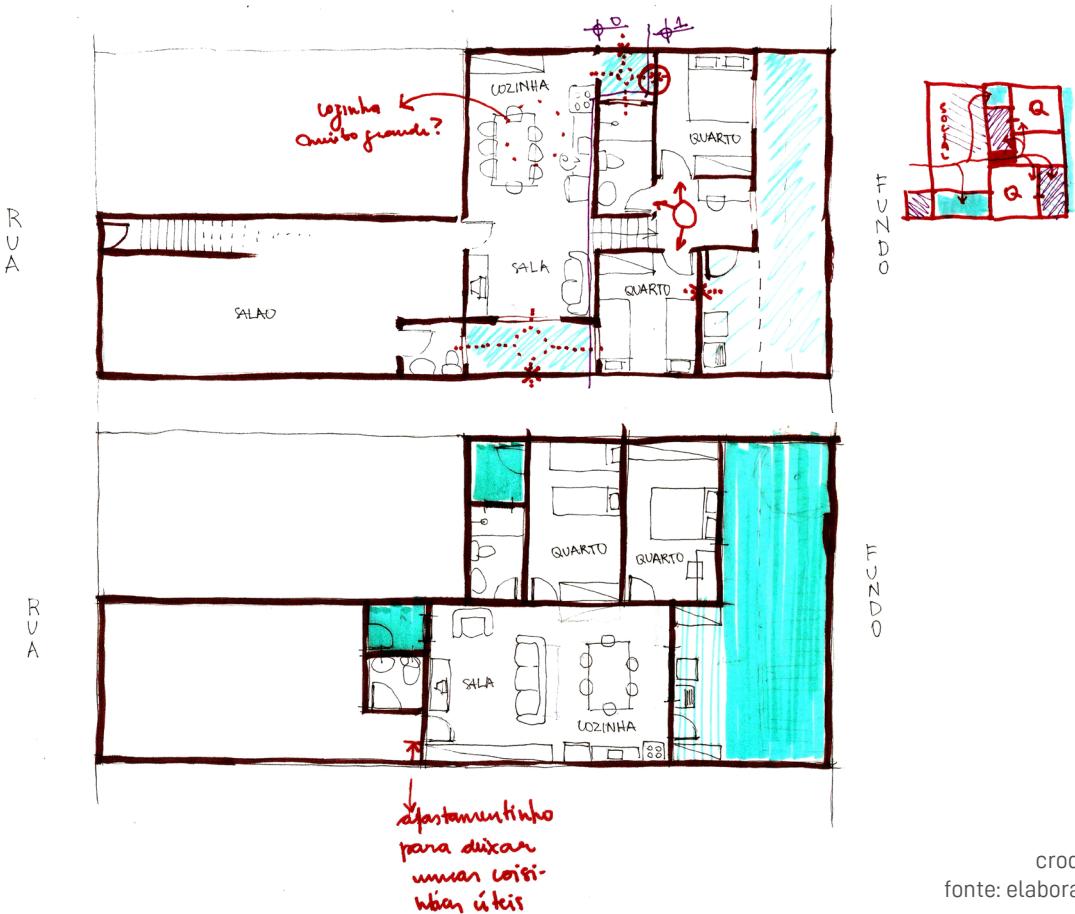


4.2 primeiro ciclo: estudos

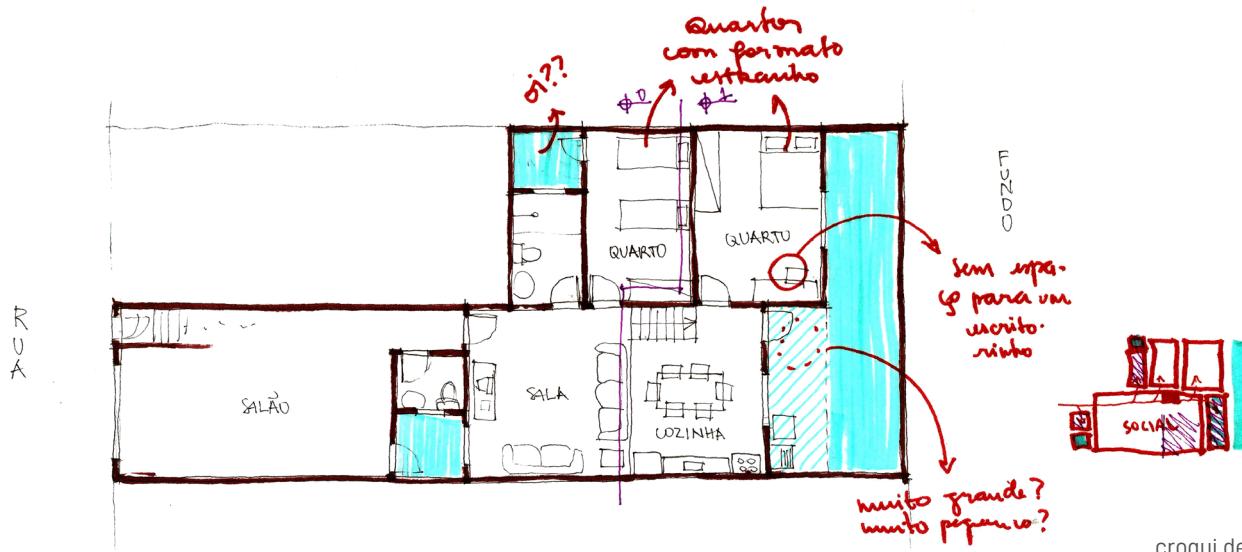
Minha estratégia de abordagem do projeto acabou sendo primeiro elencar questões a serem resolvidos para conseguir começar a fazer as propostas, de forma que eu não levaria em conta todas de uma vez, mas não perderia de vista coisas a se resolver. Todas as propostas feitas foram em forma de sugestão, apenas uma pauta para conversa para saber se eu estava fazendo o que a Solange esperava.

Julguei que não poderia ignorar o desnível do terreno e sua forma. Procurei pensar vagamente como seria o acesso da casa de cima, considerando que ela queria que pudesse ser independente de sua casa, mas as outras questões eu deixei de lado momentaneamente.





croquis de estudos
fonte: elaborado pela autora

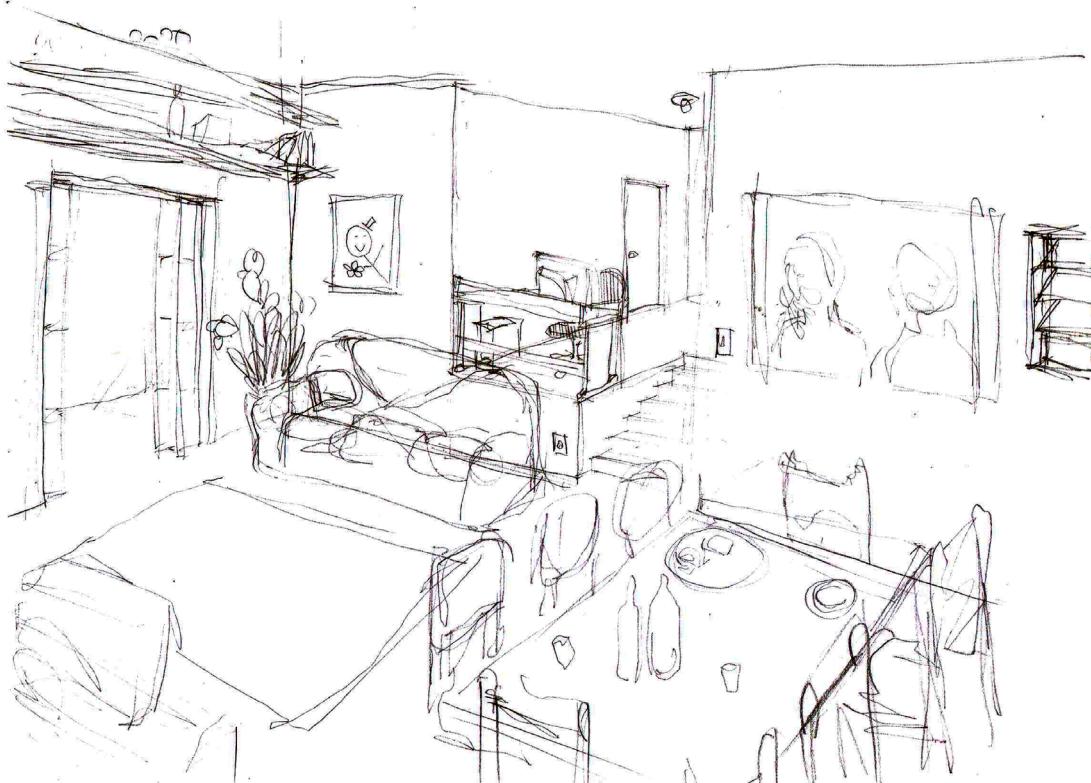


croqui de estudo

fonte: elaborado pela autora

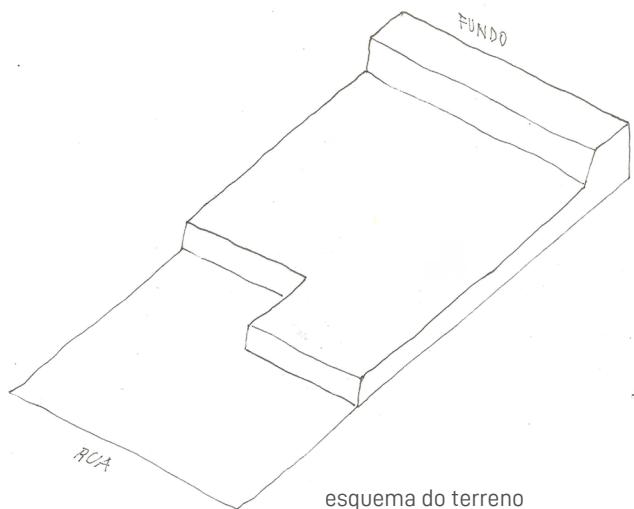
Quando levei esses primeiros desenhos todos rabiscados no Jardim da União no final de abril, esperava poder sentar com ela e rabiscá-los ainda mais, talvez desenhar com ela, fosse para explicar melhor os desenhos, fosse para projetar novas alternativas, mas, enquanto para mim a pandemia significou que eu não poderia ficar indo e voltando

para lá toda semana, para ela significou ter que acionar uma rede de solidariedade da ocupação para poder dar conta da crise sanitária e econômica que todo o país estava para enfrentar, de forma que ela esteve muito ocupada e esgotada para atender minhas ligações e ouvir as explicações dos meus desenhos confusos.



perspectiva de estudo
fonte: elaborado pela autora

4.3 primeiro ciclo: síntese



esquema do terreno



planta isométrica

A próxima vez que conversamos foi sobre desenhos um pouco mais apresentáveis. Sintetizei as ideias em um projeto que julguei que era melhor resolvido. Tentei manter as áreas molhadas para o mesmo lado no projeto, voltando a área de serviço para o fundo, onde as roupas poderiam secar e, para superar o que boa parte do terreno estava sendo

ocupado pelo programa e que, por causa do terreno doado, metade do limite "respirável" do terreno tinha sido substituído por um "não respirável" (parede do quarto das crianças), isso garantiria a ventilação dos espaços com jardins de inverno, que poderiam ser usados como pequenas áreas de descanso, procurando deixar os quartos próximos, com o quarto



destaque dos banheiros



esquema da ventilação

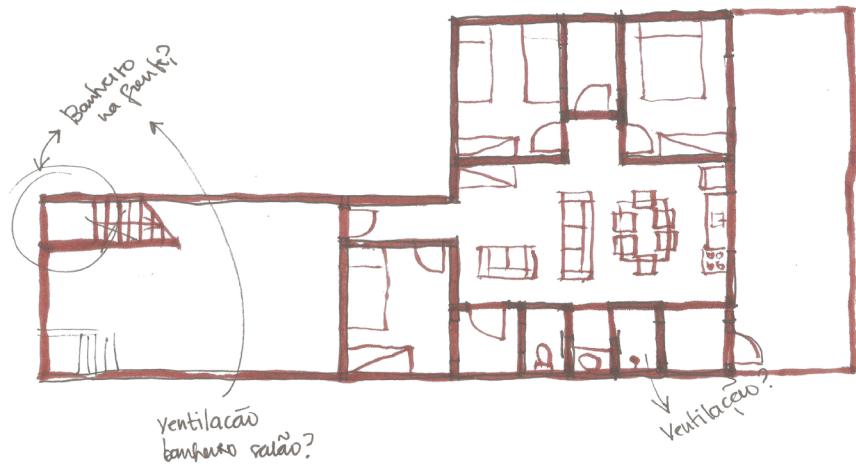
da Solange com uma janela voltada para o talude-jardim, assim como a da cozinha. Apesar de não ter sido detalhado, a preocupação quanto ao salão é que se um dia ela quisesse o incorporar à casa, fosse como uma grande sala, fosse como garagem, ela poderia com facilidade. Além disso o acesso da casa de cima, foi pensado para ocupar o menos possível da fachada

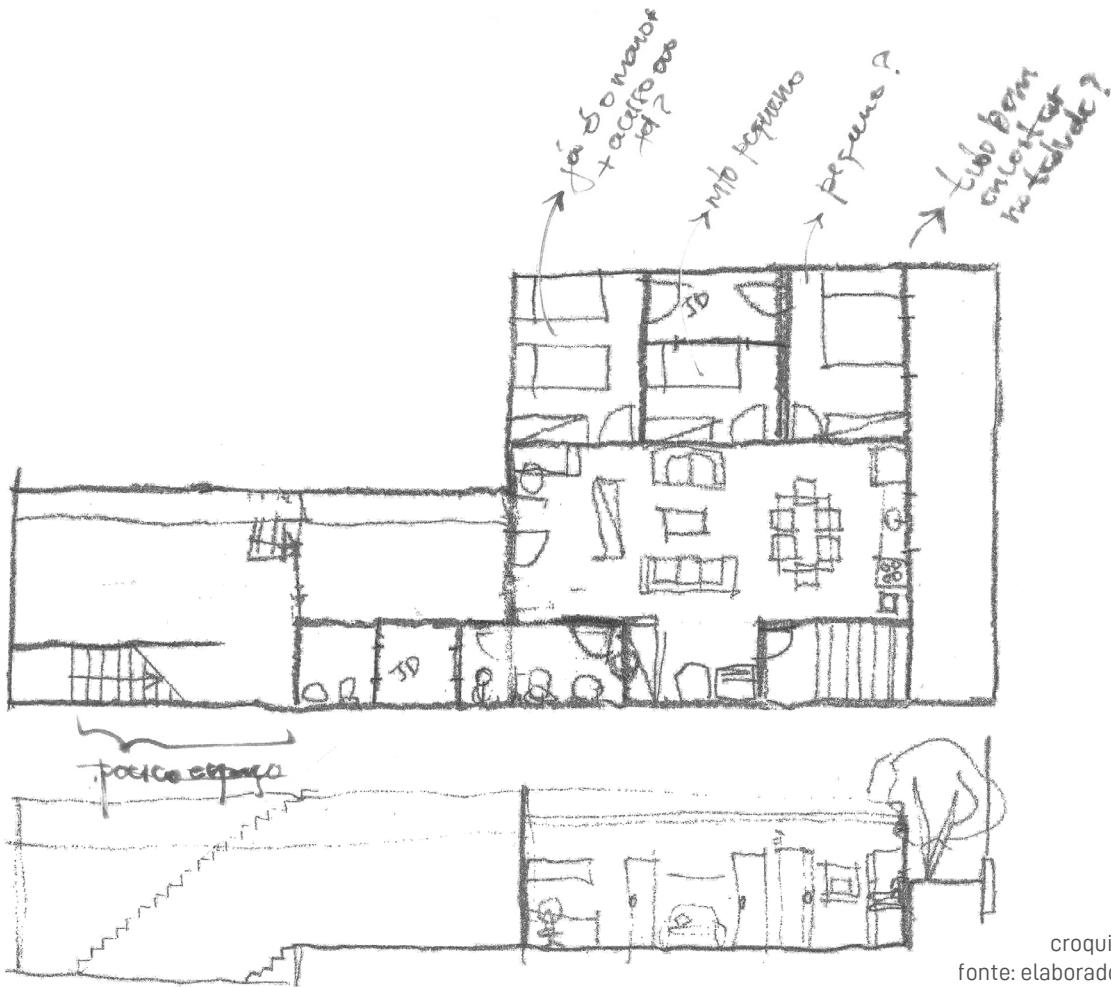
mas permitindo um acesso independente e que chegasse lá em cima, próximo ao centro da projeção do terreno, para diminuir a chance de precisar criar corredores.

Mandei os desenhos por mensagem e nos falamos por telefone. Confirmei questões que ainda não tinham sido conversadas, como o fato de ela querer três quartos, para as crianças não brigarem tanto; a árvore do fundo é um ipê amarelo e, se não atrapalhasse, ela gostaria de manter porque até chegaram aparecer tucanos e macaquinhas lá; e que a obra vai ser feita por pessoas que iam dar dia de serviço para ela, talvez numa troca de favores parecida com a que resultou no movimento de terra feito no terreno. Além disso, eu só propus um banheiro compartimentado que permite o uso simultâneo de suas partes por pessoas diferentes sem perda da privacidade, mas eu não tinha muitas esperança de que ela fosse gostar, deixei um banheiro "normal" na ponta do lápis para colocar assim que ela reclamassem, mas para minha surpresa ela achou bom. Fiquei de apresentar para ela na próxima vez uma alternativa com dois e outra com três quartos.

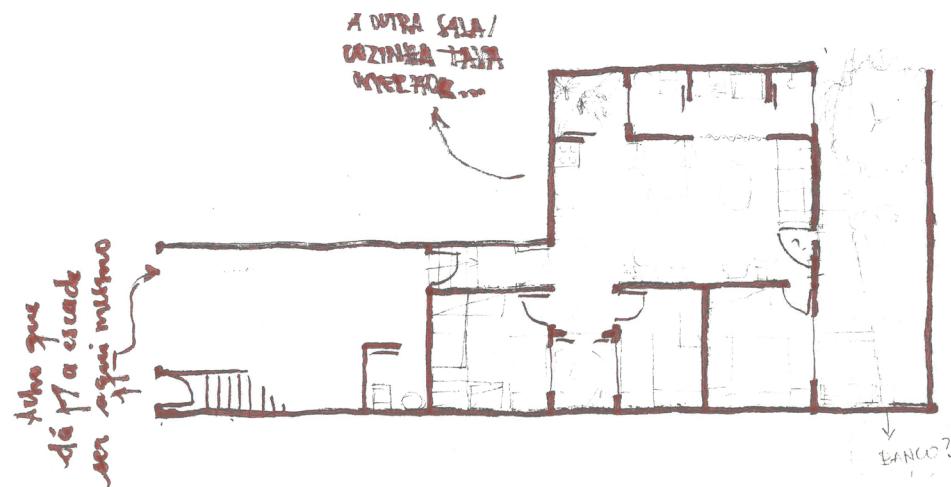


4.4 segundo ciclo: estudos

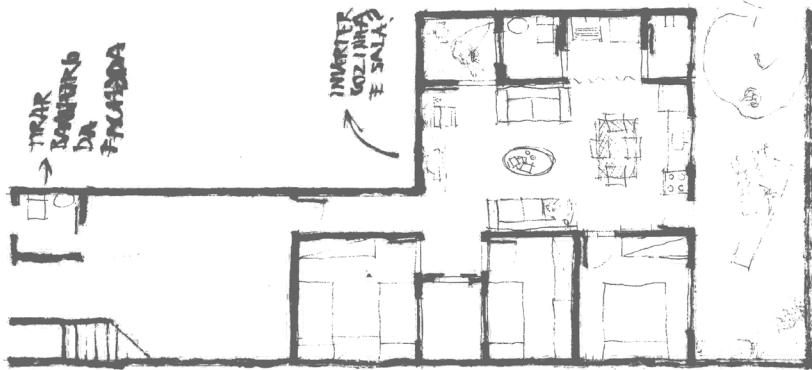




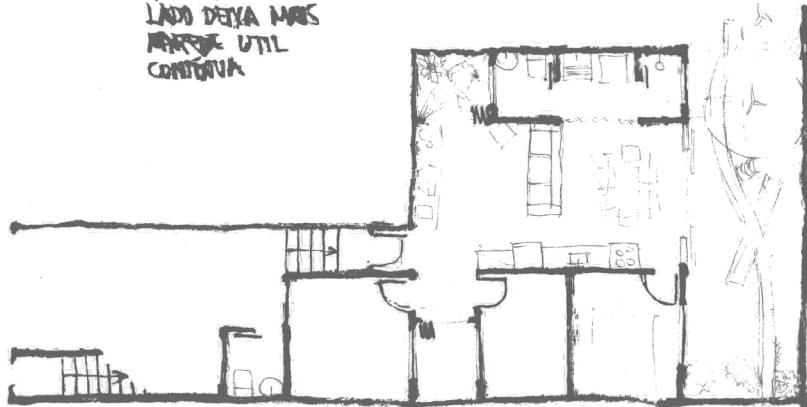
croquis de estudos
fonte: elaborado pela autora



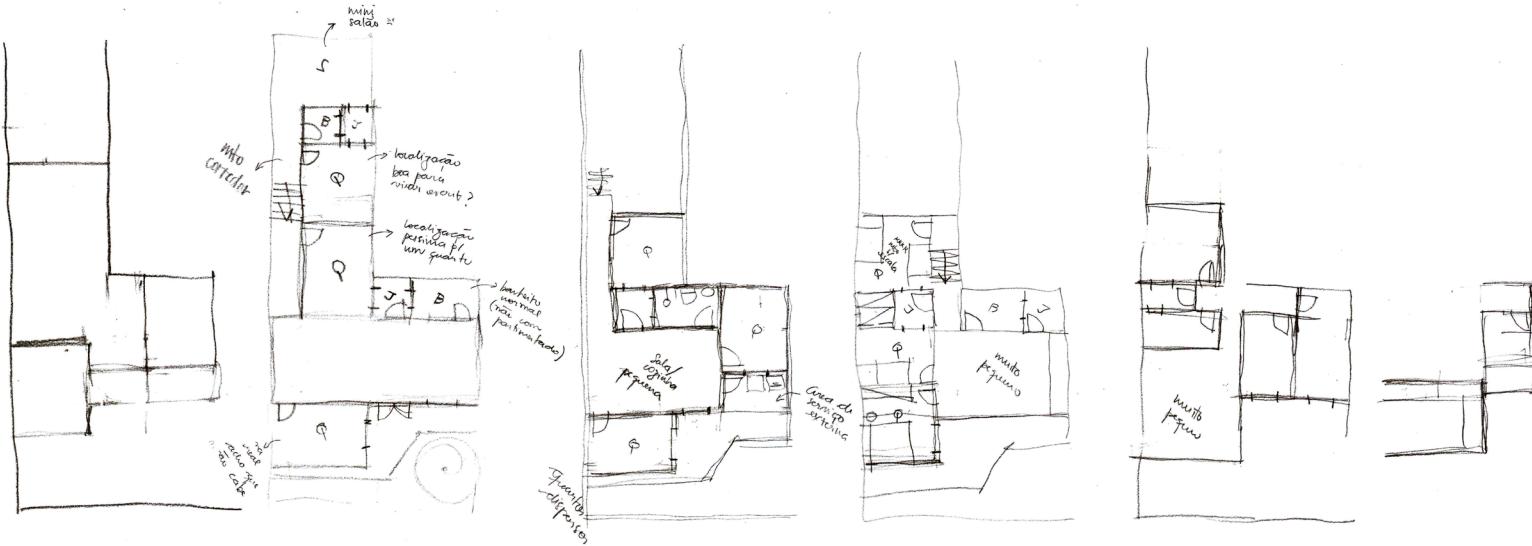
Com pitaco que pedi a alguns amigos, foi fácil resolver onde colocar o terceiro quarto. Me incomodava o corredor criado, mas não tinha muito o que fazer, principalmente dada a forma do terreno. Então só faltava levar em consideração a árvore e, consequentemente o talude. Para isso, estimei o volume total do platô(?) e fiz uma equação para descobrir a forma que o talude teria considerando que a terra deveria ser tirada de um lado para cobrir a raiz que tinha ficado exposta do outro. Adotei uma inclinação final de 45º mas que chegasse no chão em um banco, para ganhar umas poucas dezenas de centímetros úteis para projetar.



A PORTA DO OUTRO
LADO DEIXA MAIS
PÁRCE UTIL
CONTÓRA

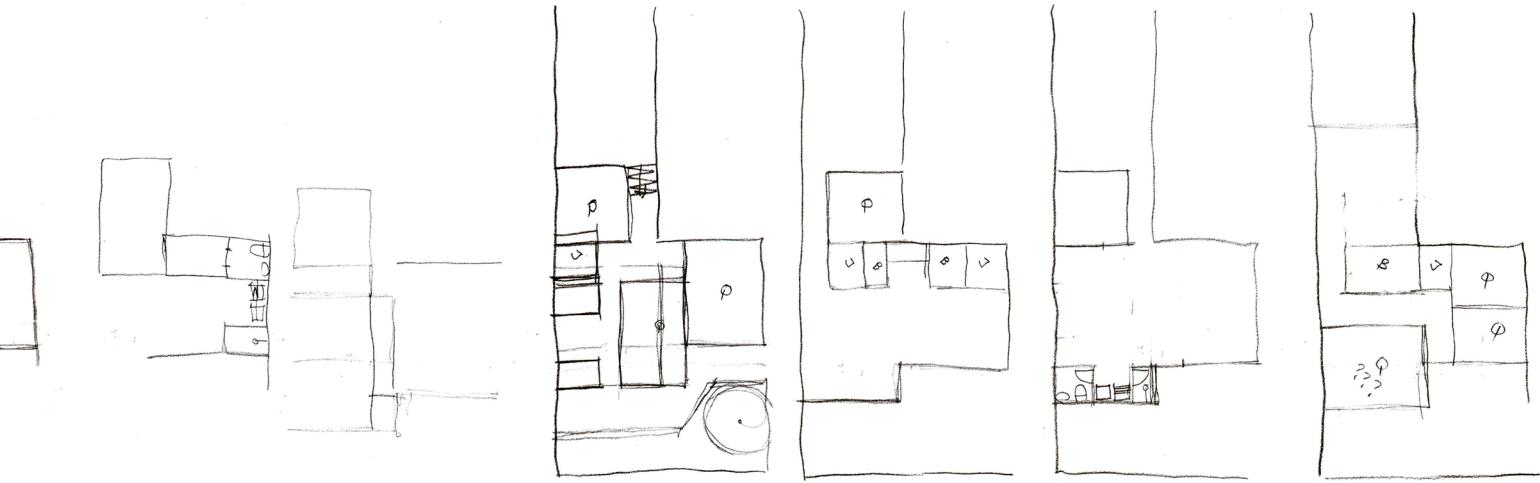


croquis de estudos
fonte: elaborado pela autora



4.4 segundo ciclo: estudos

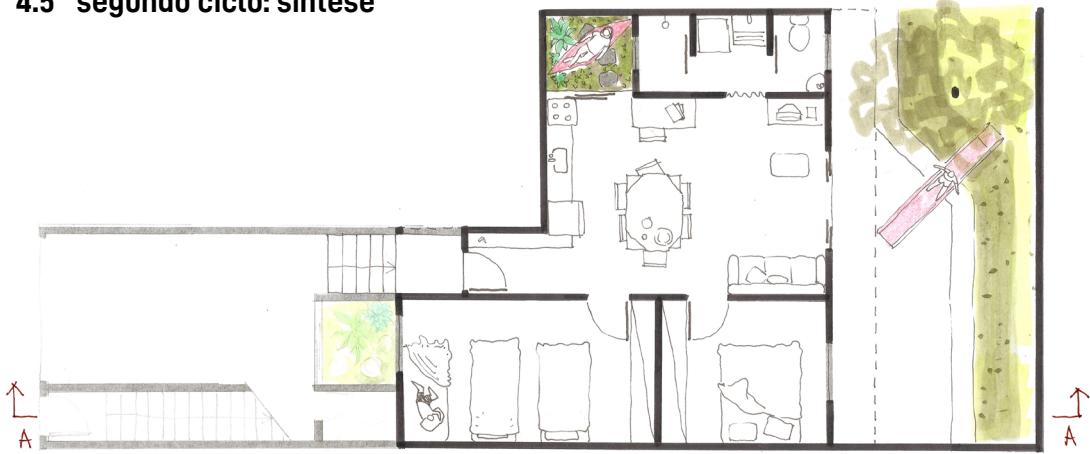
Quando vi até onde o talude da árvore estava indo, cheguei rapidamente à conclusão de que não caberia o projeto, então peguei o rolo de manteiga e praticamente comecei do zero. Tinha uma impressão muito forte de que as demandas estavam competindo entre si por área e alguma delas talvez tivesse que ser deixada de lado. O banheiro compartmentado acabava ocupando muito espaço, não só por precisar, no total, ser um pouco maior, mas porque trazia um jardim de inverno no pacote para garantir a ventilação das duas extremidades (não queria



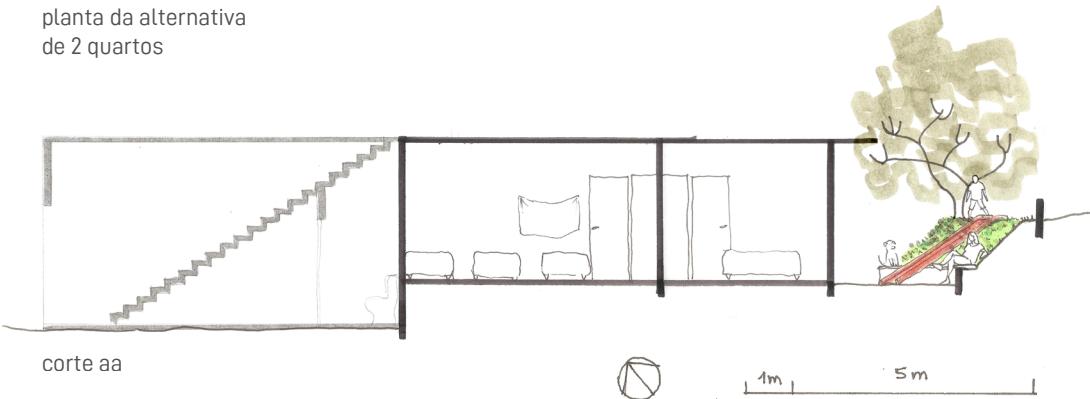
croquis de estudos
fonte: elaborado pela autora

usar o que me sobrou de empenas "respiráveis" com o banheiro); acrescentar mais um quarto mantendo o salão sem desistir da árvore. Mas, no final das contas, percebi que poderia caber sim, arrastando os quartos para o fundo, aproveitando a área útil criada pela terra tirada de lá para sustentar a árvore do outro lado.

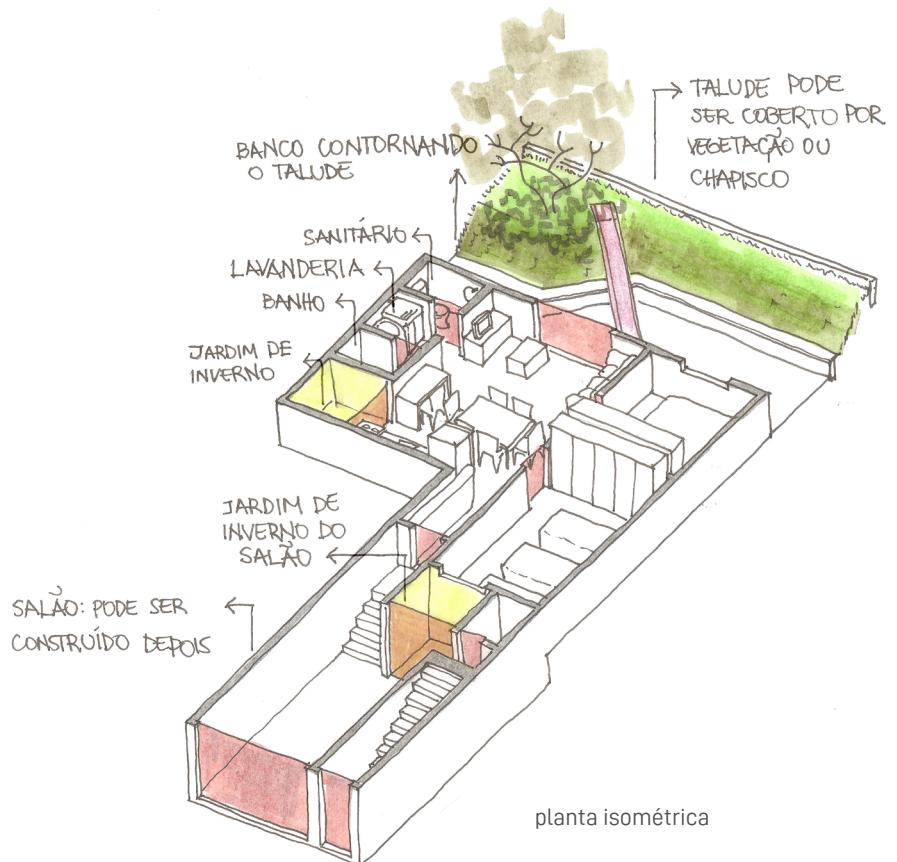
4.5 segundo ciclo: síntese



planta da alternativa
de 2 quartos



corte aa



4.5 segundo ciclo: síntese



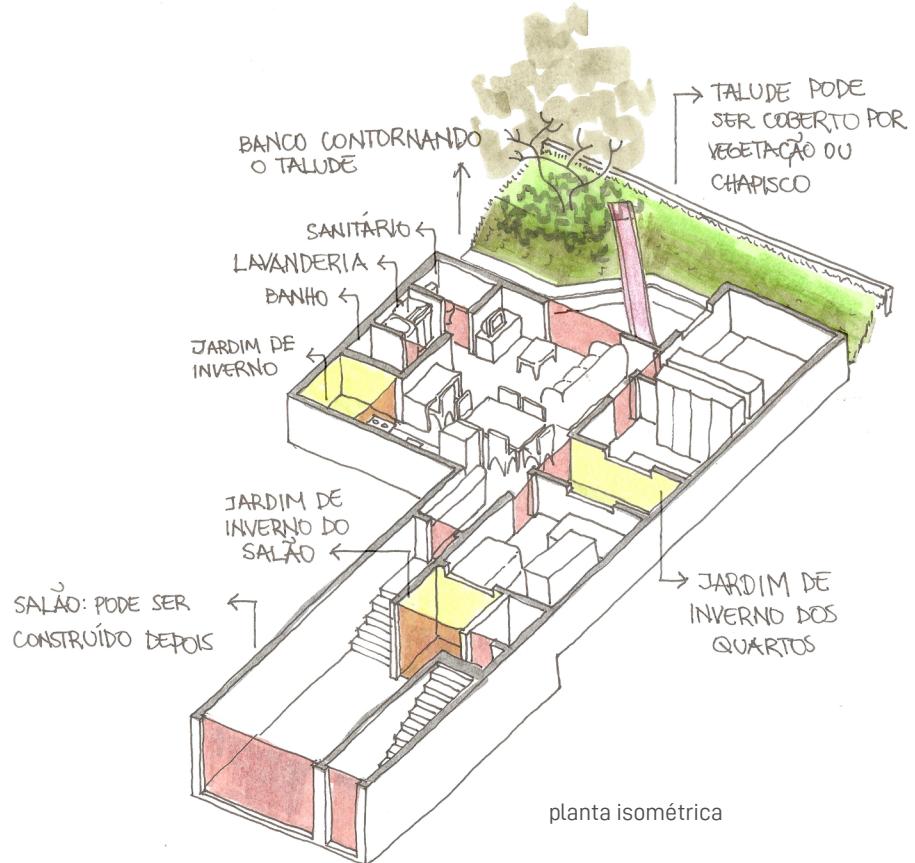
planta da alternativa
de 3 quartos

corte cc



corte bb

1m 5m



As alternativas foram mostradas para a Solange pessoalmente pela Karina acompanhada pelo Caio e pelo Nunes Reis da Peabiru, aproveitando uma visita feita por outro motivo, e depois disso a Solange me procurou para conversarmos diretamente também. Quando fechei as duas alternativas tive certeza de que ela escolheria a de três quartos, mas mantive a de dois por ter sido o combinado e porque ela tinha as vantagens de ter quintal e quartos maiores e uma menor quantidade de jardins de inverno que ocupavam bastante área. Mas ela mesma gostava dos jardins de inverno e na alternativa de três quartos coube tudo que ela tinha pedido para sua casa até aquele momento.

Da primeira para a segunda síntese a lógica básica conseguiu se manter apenas invertendo o lado dos quartos e das áreas molhadas, já que, com três quartos ou dois maiores, eles ocupam muito mais espaço longitudinalmente do que as áreas molhadas. Dessa forma, a criação de um corredor é inevitável, mas nele se aproveitou para colocar a escada necessária para subir ao nível da casa e um armário baixo que pudesse ser usado de sapateiro,

onde se pudessem deixar também chaves e bolsas.

A inversão da posição da sala e da cozinha se deu para que se pudesse ter uma abertura grande para o quintal, expandindo a sala para lá se necessário, enquanto a cozinha teria uma boa ventilação garantida pela proximidade de um jardim de inverno com o fogão.

Também se vê o primeiro esboço de uma etapa de construção, que seria apenas a opção de se fazer o salão posteriormente. Tendo a permissão de diminuir a área do salão para acrescentar o quarto, o limite da casa foi pensado para que a escada pudesse subir com piso e espelho confortáveis, começar logo depois da fachada e terminar na primeira viga do primeiro quarto, para que, quando fosse feita, não precisasse quebrar muitas coisas.

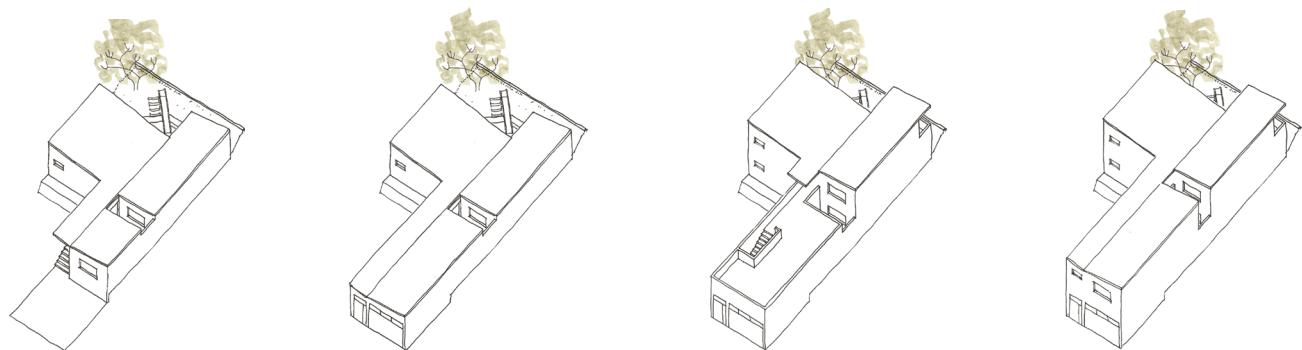
A terceira inversão de lados, desta vez da escada, se deu para que parte de sua projeção pudesse ser aproveitada como lavabo, sem que isso atrapalhasse a entrada da casa, enquanto o restante de sua projeção fosse usado para guardar, por exemplo, cadeiras usadas pelos diferentes eventos organizados. A importância da presença do lavabo era para a vida pública de Solange não invadir tanto sua vida privada.

Na devolutiva do projeto, mesmo tendo escolhido a alternativa de três quartos, foi sugerido a supressão de dois dos jardins e a separação da área de serviço com o banheiro, além de perguntas quanto às áreas dos cômodos e se teria espaço suficiente no salão para ser usado como garagem se um dia ela tivesse um carro. Quando a Solange me procurou, alguns dias depois, também pediu para colocar, se desse, um banheiro para que pudesse ter seu próprio espaço.



perspectiva da cozinha
fonte: elaborado pela autora

4.6 terceiro ciclo



isométricas fases de construção fonte: elaborado pela autora

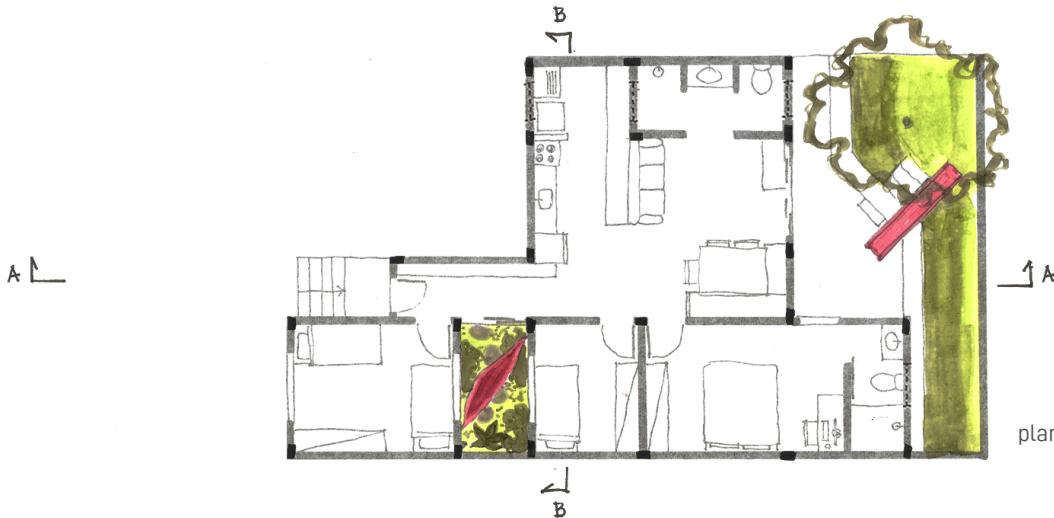
Apesar do fato de este projeto não ter saído automaticamente depois das devolutivas, a esse ponto eu já estava muito mais habituada às possibilidades de projeto que eu tinha nas condições que me foram dadas (que é o que eu buscamos explorar com desenhos a mão), então a maior parte parte dos estudos foram digitais, na tentativa de afinar as medidas e eu poder me debruçar sobre outras questões, como a estrutura e processos construtivos mais específicos da autoconstrução.

Algumas coisas nesse último projeto ainda permanecem em aberto, mas isso se deve também a uma escolha. As coisas mais estruturantes permanecem as mesmas enquanto o que é fácil de mudar é apresentado em diferentes alternativas, mostradas de forma a aproveitar os desenhos das diferentes fases pensadas para a construção da(s) casa(s), não significando necessariamente que estou propondo essas mudanças de uma fase para outra. As possibilidades, contudo, não se limitam

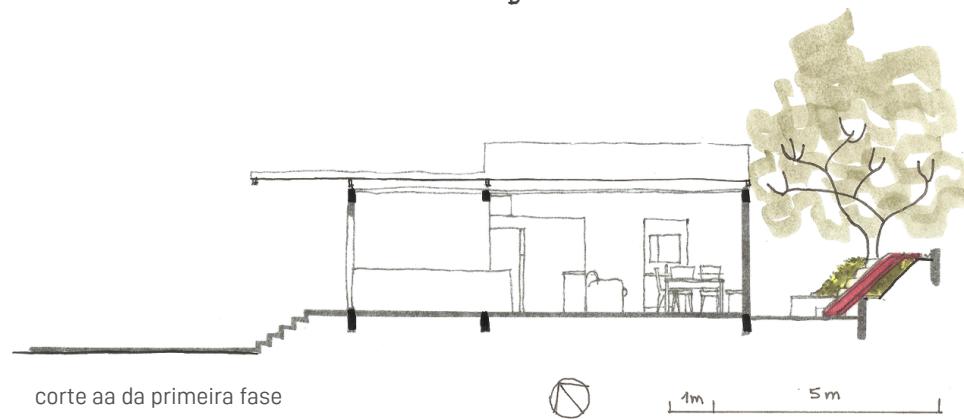
às alternativas dadas, elas são simplesmente sugestões e servem para expor algumas implicações que certas escolhas trazem consigo, na tentativa de embasar melhor a escolha, seja qual for ela.

Desde o começo, quando Solange pediu uma casa de mãe, estava claro que o projeto deveria ser pensado em fases. Essas quatro são fruto disso e da compreensão de processos que costumam permeiar a autoconstrução. Começando por uma limitação financeira do próprio morador, que perpassa por

como a comercialização dos produtos usados é adaptada para essa condição, até quais são esses produtos. Um caso exemplar disso é o das armaduras, vendidas prontas pelas lojas para que no canteiro só precisem ser feitas as formas e a concretagem de pilares, vigas e sapatas. (CABRAL, 2017)



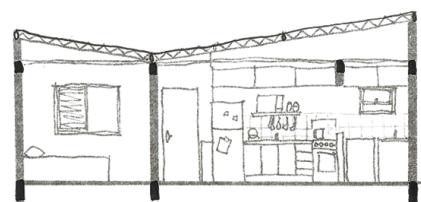
planta da primeira fase



corte aa da primeira fase



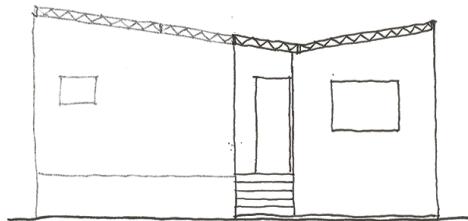
1m 5m



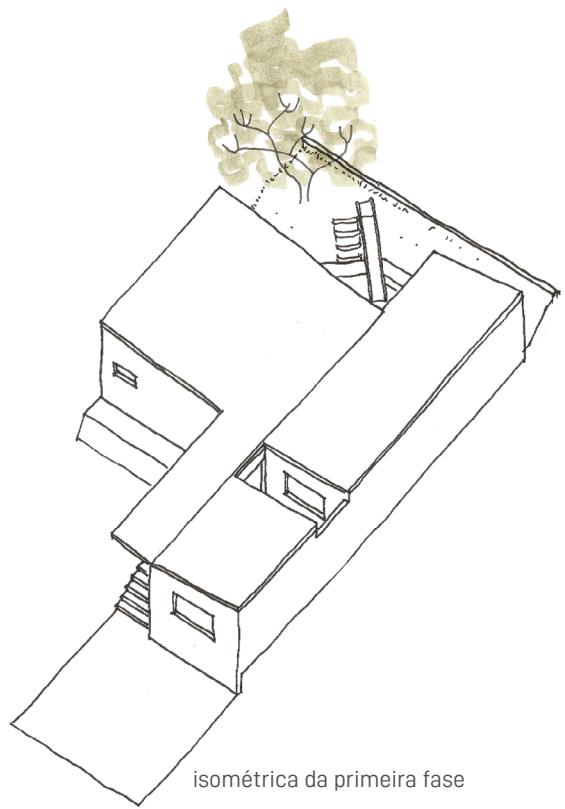
corte bb da primeira fase

4.7 primeira fase

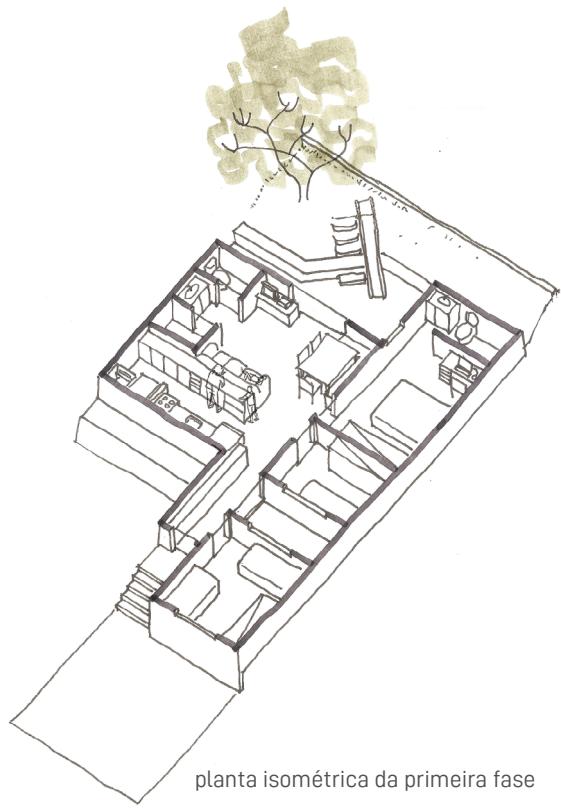
A primeira fase provavelmente terá suas próprias subfases mas consiste apenas no básico de uma casa de três quartos, provavelmente começando pelo quarto e banheiro privado da Solange e avançando para os espaços coletivos e os outros quartos conforme as condições externas permitirem. Essa configuração dos cômodos comuns fazem com que a cozinha e a área de serviço sejam continuidade uma da outra e a janela na parede para o terreno doado é uma forma de reivindicar de volta uma face "respirável" perdida com a doação.



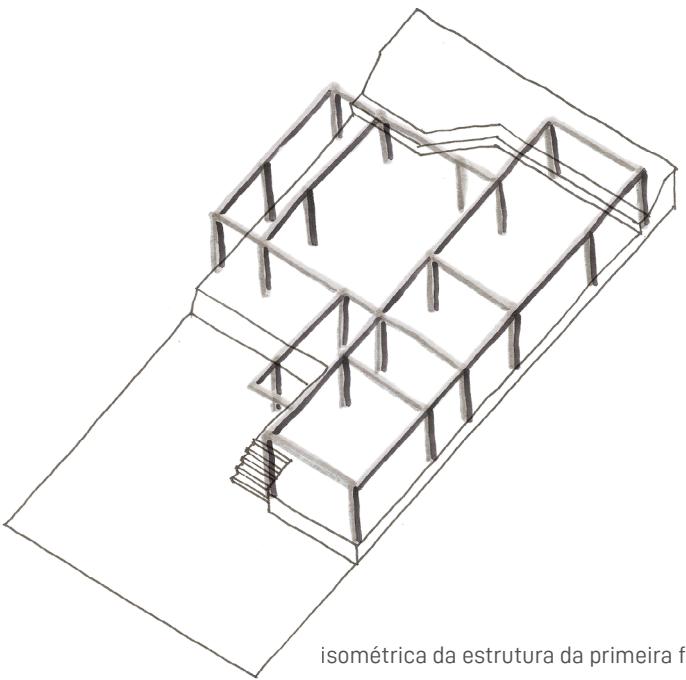
elevação frontal da primeira fase



isométrica da primeira fase

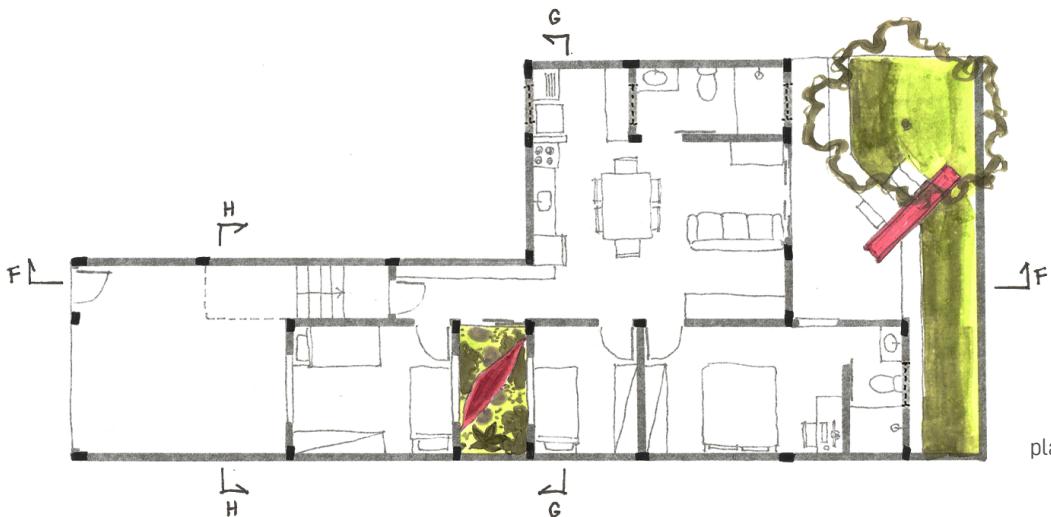


planta isométrica da primeira fase

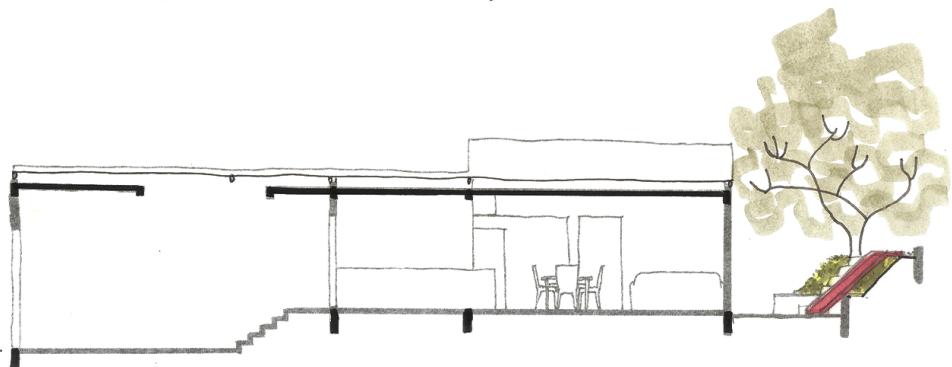


isométrica da estrutura da primeira fase

Havendo limitação financeira, a construção pode temporariamente parar nesta fase, antes de fazer as lajes, preenchendo o que virão a ser as vigas com concreto até a metade, protegendo a armadura à mostra com argamassa magra e formando uma cinta, enquanto protege com forro e uma cobertura metálica leve, relativamente simples de instalar e desinstalar.



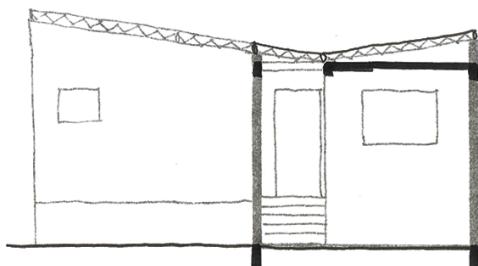
planta da segunda fase



corte ff da segunda fase



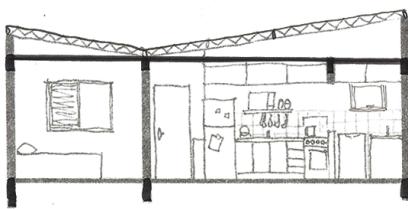
1m 5m



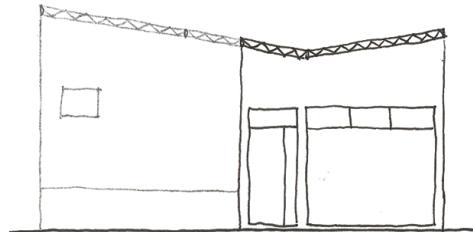
corte hh da segunda fase

4.8 segunda fase

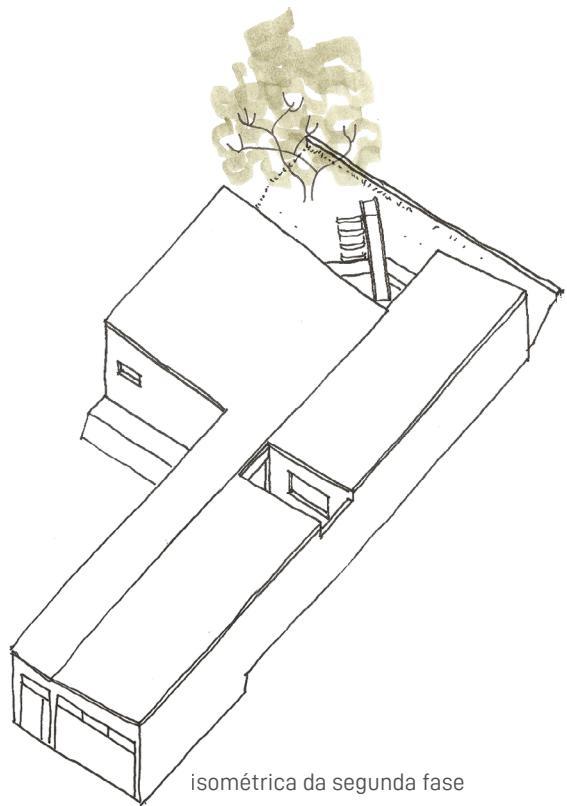
Na segunda fase o salão é acrescentado. Devido ao aumento de um banheiro no quarto da Solange, o tamanho do salão foi bem reduzido em relação a última síntese projetual e se transformada em uma garagem, poderá abrigar um carro de pequeno a médio porte. A disposição dos móveis nas áreas comuns é pensada para possibilidade de um banheiro unificado, construído assim desde o começo, mas, se a Solange mudar de idéia quanto ao compactado, ela também poderia fechá-lo com uma reforma simples.



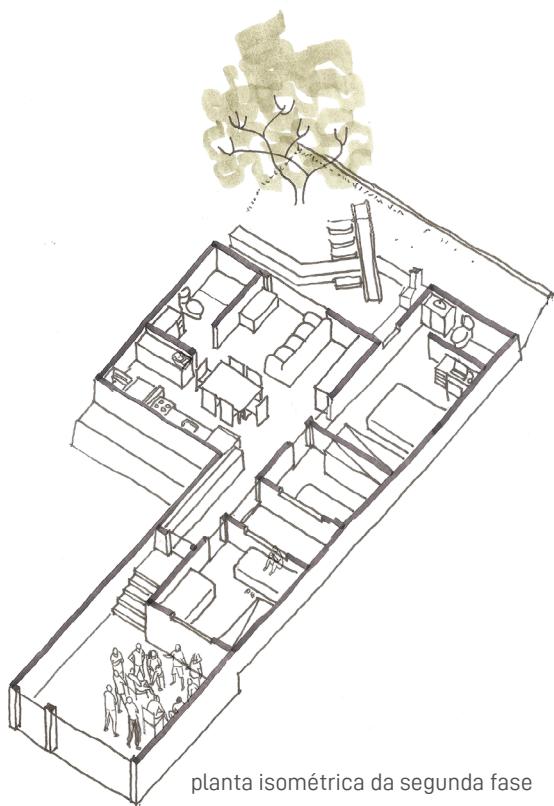
corte gg da segunda fase



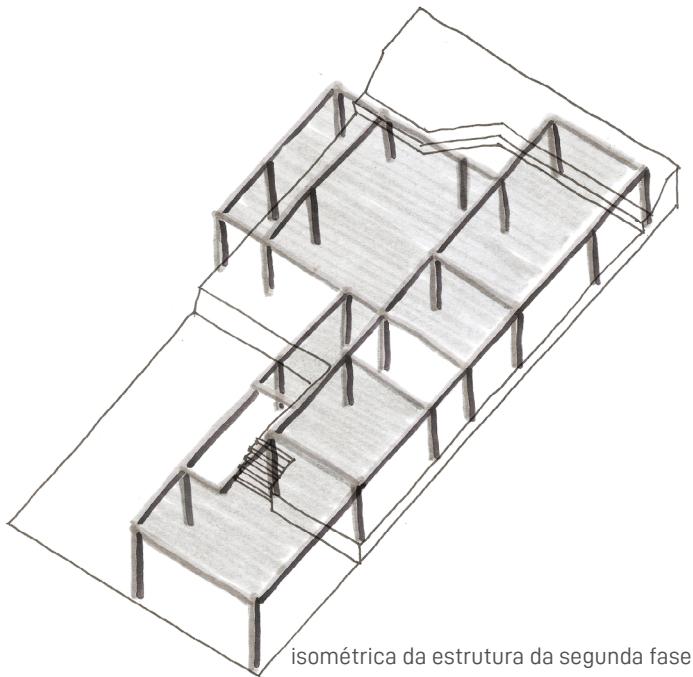
elevação frontal da segunda fase



isométrica da segunda fase

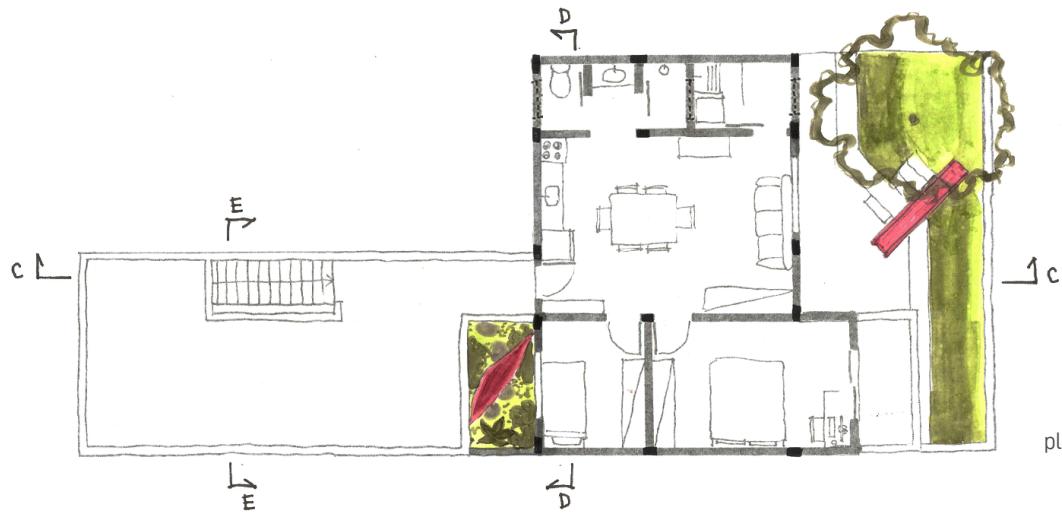


planta isométrica da segunda fase

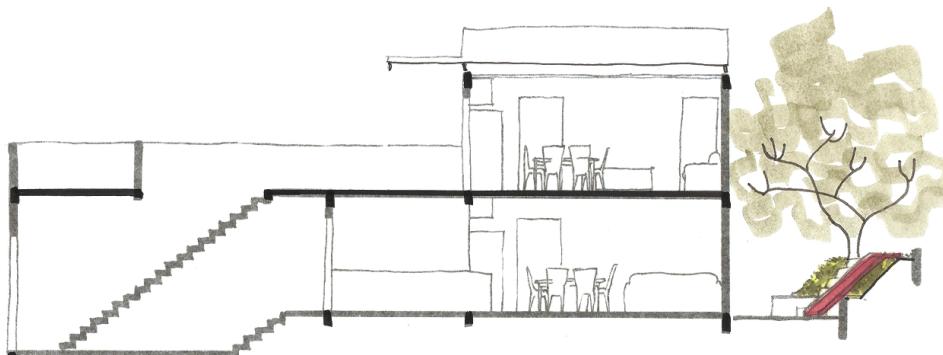


isométrica da estrutura da segunda fase

Com todos os cômodos do térreo já construídos, a argamassa magra pode ser retirada da cinta para sua concretagem completa com as lajes, com o cuidado de deixar livre o vão e a armadura de espera para a escada que será feita para acessar a casa de cima na próxima fase. Como se pode ver pelo buraco deixado para ela na laje, a escada foi mudada de lado novamente porque a casa precisou avançar mais em direção ao salão do que a escada poderia diminuir e essa localização também facilita a organização dos espaços para a casa de cima, podendo se manter basicamente a mesma da de baixo.



planta da terceira fase

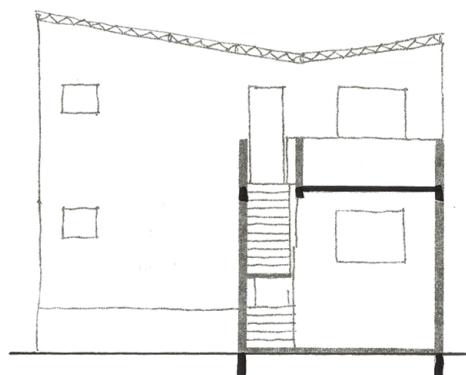


corte cc da terceira fase



1m

5m

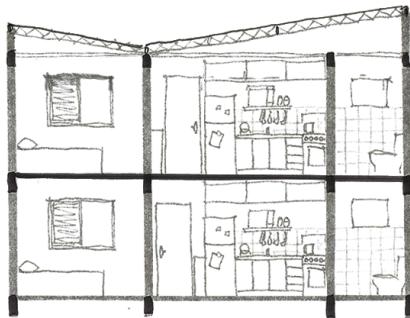


corte ee da terceira fase

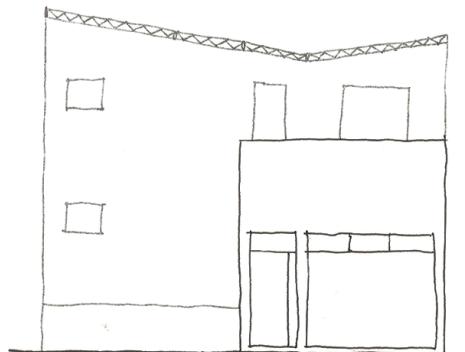
4.9 terceira fase

A terceira fase é a construção da casa de cima. Seu acesso se dá por uma escada no salão, que sobe para sua cobertura, configurando um terraço aberto amplo que pode ser usado como quintal. O arranjo do mobiliário é elaborado imaginando que a casa de cima replicaria os cômodos da de baixo, que, nesse caso, teria a lavanderia para o fundo da casa, mais próximo de onde se estenderiam as roupas (enquanto que para a casa de cima seria o contrário, já que

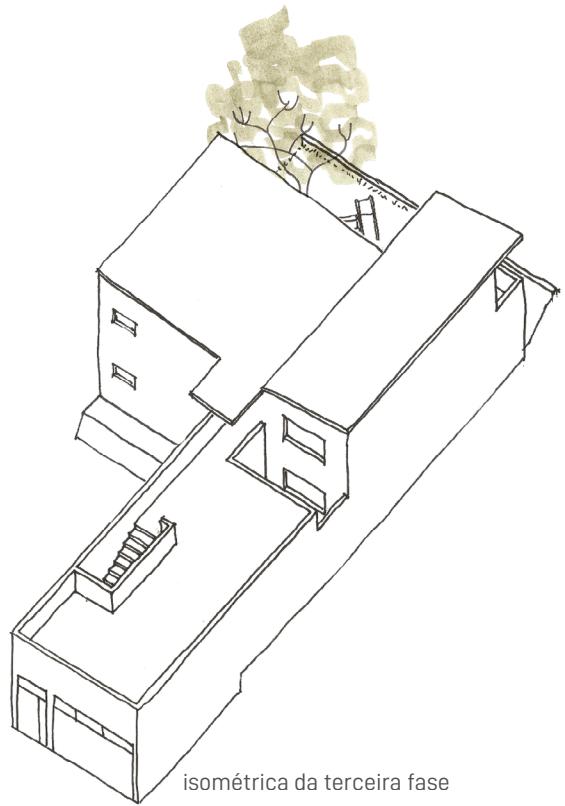
teria que estender no terraço), mas que faz com que o banheiro abra para a cozinha. O quarto da frente não foi replicado no pavimento superior para que o acesso para o terraço não se fizesse passando por ele e para que tivesse espaço para a intervenção da 4^a fase, mas claramente ele poderá existir se as prioridades forem outras.



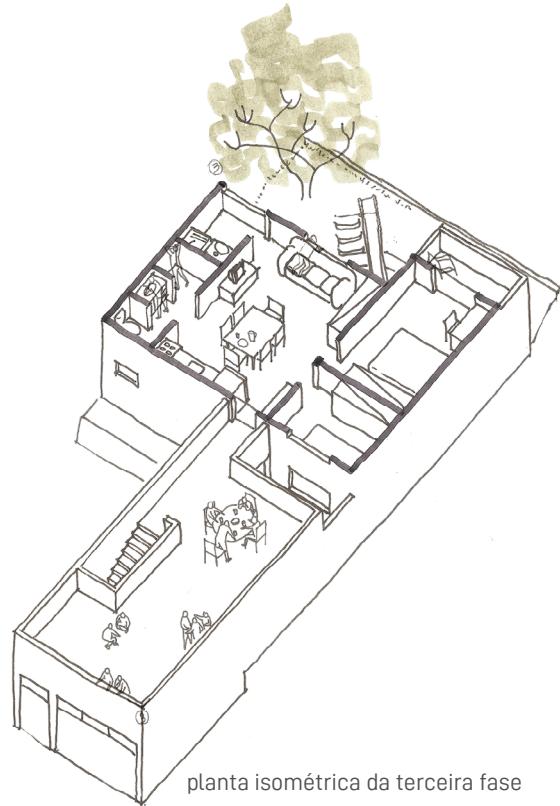
corte dd da terceira fase



elevação frontal da terceira fase

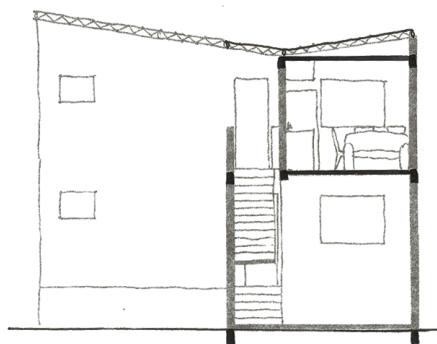
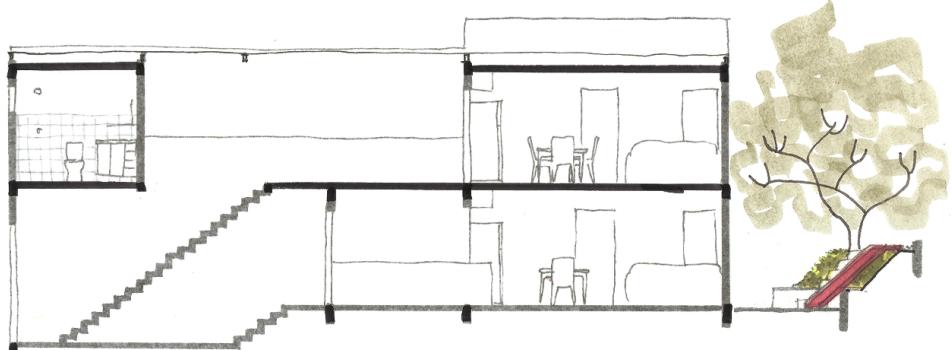
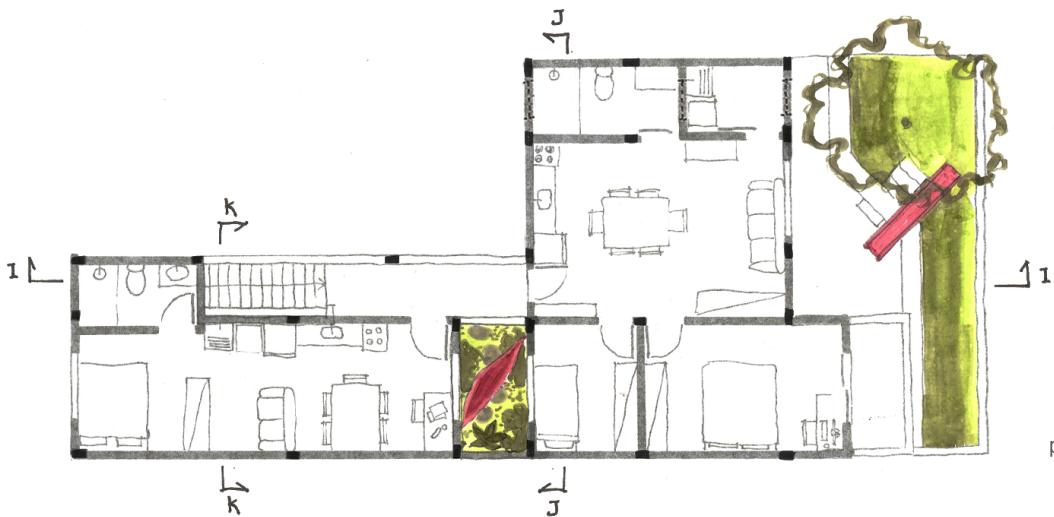


isométrica da terceira fase



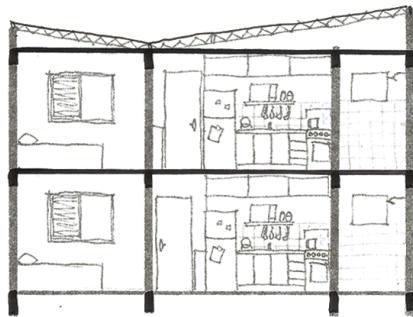
planta isométrica da terceira fase

Assim como na primeira fase, ela provavelmente será executada em partes e também poderá se deixar terminar com vigas concretadas até a metade, completadas com argamassa magra e usar a mesma cobertura que protegia o térreo nas fases anteriores, para só depois colocar uma laje.



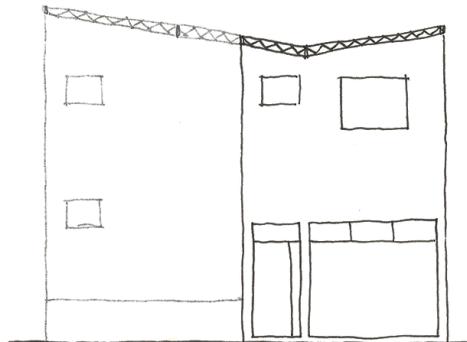
4.10 quarta fase

A quarta fase é uma possibilidade mais distante, nascida de uma falha de comunicação. Mas, como o projeto já estava pronto, fica como uma sugestão, caso um dia seja interessante substituir o quintal na frente da casa de cima por esta quitinete. Seus ambientes são dispostos linearmente na planta, mantendo áreas molhadas concentradas em apenas um dos lados e permitindo ventilação cruzada longitudinalmente.

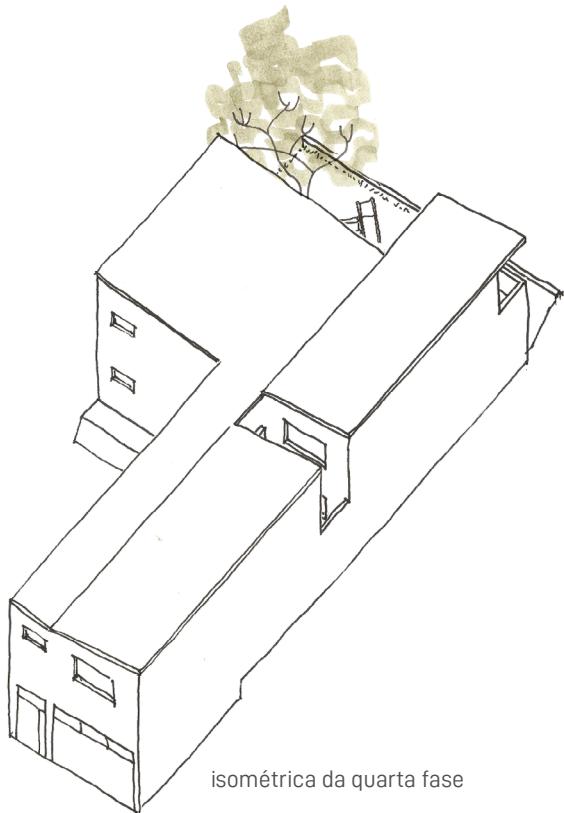


corte jj da quarta fase

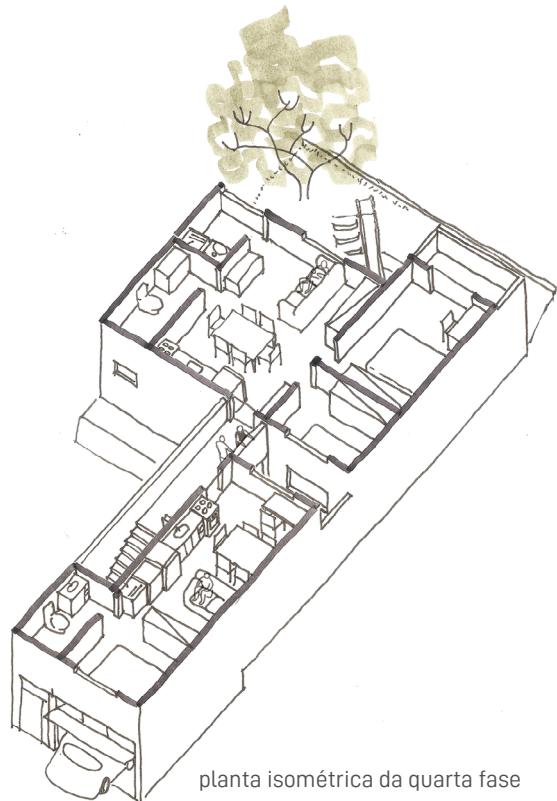
A circulação horizontal proposta entre as duas moradias de cima é aberta para não criar um espaço confinado estreito. A possibilidade de organização do mobiliário apresentada parte da área de serviço próxima ao quintal e o banheiro único, que, em relação à alternativa anterior, afasta um pouco mais a porta do banheiro da área de trabalho da cozinha.



elevação frontal da quarta fase



isométrica da quarta fase



planta isométrica da quarta fase

Nesta fase, teoricamente, as aspirações conversadas naquele dia no bar teriam sido concretizadas, mas isso não garante que não surgirão novas ou que os planos não podem mudar. Por mais que eu tente antecipar algo para criar soluções, a sua viabilização não acontece necessariamente sincronizada com o fechamento de seu planejamento e as coisas podem acabar se atropelando, como aconteceram algumas vezes durante esse processo. A realidade se impõe, nunca se sabe o que pode acontecer ou quando vai estourar uma pandemia. A proposição desta fase não é uma tentativa de controle de um futuro incerto, mas a assimilação do aspecto imprevisível e de alta mutabilidade tão característico da autoprovisão.

5.0 notas finais

Um processo projetual que vai se acumulando em ciclos, fases a serem construídas em médio e longo prazo e questões deixadas em aberto acabam dando ao projeto um ar de interminado, mas não foi um acidente. E, apesar do título desta parte, evitei usar a palavra "final" neste trabalho, porque nenhuma proposta englobaria o contexto de constante mudança e não tem como prever de que forma as circunstâncias vão afetar os rumos dos acontecimentos.

Quando comecei este trabalho, a intenção era desenhar uma casa com a Solange e acompanhar sua obra, mesmo sabendo que não seguiriam tudo à risca. E mesmo com a imprevisibilidade já levada em conta, ela continua nos atingindo, como a pandemia resolveu dar o ar da graça e surpreender todo mundo, atingindo a todos de maneiras que não imaginariamos, em todos os aspectos das nossas vidas. Não teria como ser diferente com este trabalho.

Não pude voltar para o Jardim da União tantas vezes, Solange precisou adiar a construção da sua casa para se concentrar em coisas mais urgentes, mas mesmo assim não deixou de continuar avançando

por conta, comprando alguns materiais, mesmo que pouco, porque ela não pode se dar ao luxo de esperar. Sua casa será feita com ou sem acompanhamento, então, mesmo que saia diferente do planejado, fico satisfeita de ter contribuído e acrescentado novas coisas aos sonhos dela. Aprendi muito com o processo e pretendo continuar aprendendo, manter o diálogo com ela e acompanhar, nem que continue sendo de longe. Até porque o projeto tem muito o que melhorar e ainda não tive a devolutiva do terceiro ciclo.

- CABRAL, Gabriel. **AUTOCONSTRUÇÃO DA HABITAÇÃO URBANA:** um estudo de caso em paraisópolis. 2017. 159 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017
- FERNANDES, Sabrina. **Sintomas Mórbidos:** a encruzilhada da esquerda brasileira. 1. ed. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.
- FERREIRA, Lara Isa Costa. **Arquitetos militantes em urbanização de favelas.** 2015. Dissertação (Mestrado em POS GRADUAÇÃO FAUUSP) - FAUUSP, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientador: Karina Oliveira Leitão.
- GROSFOGUEL, Ramón. **Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais:** Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. In: Santos, Boaventura de Sousa; Meneses, Maria Paula (Orgs). Epistemologias do Sul. Coimbra: Edições Almedina, 2009, p. 383-418.
- PEREIRA, Marina Barrio. **Projeto de melhoria habitacional:** metodologia de trabalho em urbanização de assentamentos precários. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em ARQUITETURA E URBANISMO) - FAUUSP. Orientador: Karina Oliveira Leitão.
- SANDERCOCK, Leonie. **Re/presenting planning histories.** In: Towards Cosmopolis. New York: Wiley, 1998, p. 33-56.
- SANTO AMORE, Caio; REIS, Nunes L.; PEREIRA, Rafael B. **DE ENTRAVE AO DESENVOLVIMENTO A PESSOAS COM DIREITOS:** A experiência do plano popular alternativo da Favela da Paz em Itaquera.
- VAINER, Carlos. Palestra no Seminário Nacional de Prevenção e Mediação de Conflitos Fundiários Urbanos. Salvador: Ministério das Cidades, 2007.

VASSÃO, Caio Adorno. **Metadesign: ferramentas, estratégias e ética para a complexidade** / Caio Adorno Vassão (Coleção pensando o design, Carlos Zibel Costa, coordenador) -- São Paulo: Blucher 2010, p. 13-23.

VIANA, Larissa de Alcântara. **Chão, pó, poeira.** 2018. Tese (Doutorado em POS-GRADUAÇÃO FAUUSP) - FAUUSP, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientador: Karina Oliveira Leitão.

